



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO, ATUÁRIA E CONTABILIDADE
DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO
GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO**

LUANA MARIA GALENO DE ARAÚJO

**O INCENTIVO AO EMPREENDEDORISMO NA GESTÃO PÚBLICA DE
FORTALEZA-CE: A VISÃO DOS GRADUANDOS DO CURSO DE
ADMINISTRAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC)**

FORTALEZA

2021

LUANA MARIA GALENO DE ARAÚJO

O INCENTIVO AO EMPREENDEDORISMO NA GESTÃO PÚBLICA DE FORTALEZA-
CE: A VISÃO DOS GRADUANDOS DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao curso de Administração, da Faculdade de
Economia, Administração, Atuária e
Contabilidade, da Universidade Federal do
Ceará, como requisito parcial para a obtenção
do grau de Bacharel em Administração.

Orientadora: Profa. Dra. Rilda Bezerra de Freitas Aguirre.

FORTALEZA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- A69i Araújo, Luana Maria Galeno de.
O incentivo ao empreendedorismo na gestão pública de Fortaleza-CE : a visão dos graduandos do curso de administração da Universidade Federal do Ceará (UFC) / Luana Maria Galeno de Araújo. – 2021.
57 f. : il.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade, Curso de Administração, Fortaleza, 2021.
Orientação: Profa. Dra. Rilda Bezerra de Freitas Aguirre.
1. Empreendedorismo. 2. Gestão Pública Municipal. 3. Juventude. I. Título.

CDD 658

LUANA MARIA GALENO DE ARAÚJO

O INCENTIVO AO EMPREENDEDORISMO NA GESTÃO PÚBLICA DE FORTALEZA-
CE: A VISÃO DOS GRADUANDOS DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao curso de Administração, da Faculdade de
Economia, Administração, Atuária e
Contabilidade, da Universidade Federal do
Ceará, como requisito parcial para a obtenção
do grau de Bacharel em Administração.

Aprovado em: ____/____/2021

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Rilda Bezerra de Freitas Aguirre (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.(a) Dr.(a) Nome
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.(a) Dr.(a) Nome
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Dedico esse trabalho e a minha graduação, ao meu avô e pai de criação, Francisco José Galeno que, sem oportunidades de acesso à educação durante o seu percurso de vida, me incentivou e me apoiou com a certeza de que eu me formaria, mesmo tendo partido antes de ver isso se realizar. A fé é a certeza das coisas que se esperam e a convicção de fatos que se não veem: Pai, obrigada por ter tido fé em mim.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Ana Maria Galeno Garcia, por ser uma “incentivadora nata” e pela paciência na espera da minha conclusão, por me apoiar nas outras aventuras que eu decidi viver durante a minha graduação e que complementaram a minha experiência na universidade.

Aos meus colegas de faculdade: Bianca Farias, Clara Aguiar, Daniela Santos, Hayanna Pereira, Kelvin Maciel, Nuryana Alves, Roberto Ferreira, Sidney Jales. A faculdade não seria um laboratório para a construção das relações de amizade, resolução de conflitos e momentos inusitados, se não fosse pelos trabalhos em grupos. Obrigada por termos encarados os mais difíceis momentos, às vezes chorando, às vezes sorrindo, mas juntos.

Às pessoas incríveis com as quais eu pude dividir minha vida nesse intervalo de tempo: Palti Talmai, Juliana Silveira, Carol Fernandes, Paula Teixeira, Eduardo Albuquerque e Evelyn Ester. Obrigada pelas palavras de incentivo e carinho.

À AIESEC em Fortaleza, lugar onde pude desenvolver na prática o que eu aprendi em sala de aula. Lugar que me proporcionou viver o meu primeiro intercâmbio. Um agradecimento especial aos integrantes das diretorias: Ritmos, Lobo e Iracema. Vocês me ensinaram que sair da zona de conforto, muitas vezes, é conviver com uma pessoa totalmente diferente de você e construir algo positivo a partir disso.

Aos professores, que contribuíram para a construção da minha trajetória acadêmica. Seus ensinamentos e experiências de vida são inspiradores. E, principalmente, aos que compreendiam como é desgastante a rotina de quem passa o dia trabalhando e a noite precisa enfrentar uma sala de aula, que, por muitas vezes, usaram dessa compreensão e paciência para nos incentivar a concluir o curso. Vocês são heróis e estão mudando o mundo.

À minha orientadora Rilda Bezerra, pelos puxões de orelha e palavras de apoio. Certamente, este trabalho foi moldado pelo seu olhar sensível de enxergar a sociedade.

Um agradecimento especial à Universidade Federal do Ceará (UFC), sem a qual eu não teria o privilégio da minha graduação de forma gratuita. Viva as Instituições Públicas de Ensino do Brasil!

“Querer ser livre é também querer livre os outros.” (Simone de Beauvoir)

RESUMO

Investigar o incentivo ao empreendedorismo para o segmento jovem em Fortaleza, tendo como sujeitos da pesquisa os concludentes do curso de Administração de Empresas da Universidade Federal do Ceará (UFC), constitui o objeto desse estudo. A pesquisa toma como campo de referência empírica, a própria UFC – *lócus* onde se deu o encontro com os formandos da referida universidade. O período estabelecido para a pesquisa é o final de 2020, início de 2021, especificamente até abril de 2021. As inspirações teóricas desse estudo são: o campo da gestão pública, o empreendedorismo social e as políticas públicas para a juventude. Outras teorizações também fundamentam a pesquisa, como: os diversos conceitos e tipos de empreendedorismo, o trabalho informal, a economia criativa e a inovação de produtos e serviços, com destaque para as formulações de: Joseph Schumpeter (sobre empreendedorismo), Maria Augusta Tavares (sobre trabalho informal), Ricardo Antunes (concepções de trabalho) e Helena Abramo (estudos sobre juventude). Tais formulações foram fundamentais para a articulação entre “teoria – empiria” no processo desta investigação. A metodologia seguiu os seguintes passos: uso da abordagem qualitativa e utilização de dois tipos de pesquisa: bibliográfica e de campo, com a escolha das seguintes técnicas de coleta de dados: entrevistas abertas, aplicadas em concludentes da FEAAC/UFC. No tratamento dos dados, utilizou-se a “análise de conteúdo”, com base no entendimento de Laurence Bardin (1977), onde o esforço analítico segue as seguintes fases: pré-análise dos dados, leitura/exploração do material coletado e inferência e interpretação dos dados. Os resultados da pesquisa assinalam sobre a superficialidade do entendimento dos entrevistados acerca do ato de empreender – conceitos, teorias, concepções etc., evidenciando também o desconhecimento dos formandos sobre políticas, programas e projetos de estímulo ao empreendedorismo ofertados pela gestão municipal ao segmento jovem em Fortaleza-CE.

Palavras-chave: Empreendedorismo. Gestão Pública Municipal. Juventude.

ABSTRACT

The object of this study is investigate the incentives to entrepreneurship for the youth segment in Fortaleza, where the research focus group were graduates students from the Business Administration course at the Federal University of Ceará (UFC). The research takes as an empirical reference field, the UFC – where the interviews with the graduate students of that university took place. The period established for the research was from the end of 2020, to early 2021, specifically to April 2021. The theoretical inspirations of this study are: the field of public management, social entrepreneurship and public policies for youth. Other theories also support this study, such as: the different concepts and types of entrepreneurship, informal work, the creative economy and the innovation of products and services, with emphasis on the formulations of: Joseph Schumpeter (on entrepreneurship), Maria Augusta Tavares (on informal work), Ricardo Antunes (work conceptions) and Helena Abramo (youth studies). These formulations were fundamental for the articulation between “theory - empirics” in the process of this investigation. The methodology used a qualitative approach. Bibliographic research and field research were carried out. The field research chose from the following data collection techniques: applied open interviews with graduate students from FEAAC/UFC were the data collection techniques. In the data analysis process, “content analysis” was used, based on the understanding of Laurence Bardin (1977), where the analytical effort follows the following phases "previous analysis of data, reading and exploration of the collected material and concludes with the interpretation of the data. The results of the survey are an alert about the superficiality of the interviewees' understanding to be an entrepreneur - concepts, theories and conceptions. It also highlights the students' lack of knowledge about policies, programs and projects to encourage entrepreneurship sponsored by the municipal management to the youth segment in Fortaleza.

Keywords: Entrepreneurship. Municipal Public Management. Youth.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Definições das diferentes modalidades de empresas.....	27
Quadro 2 – Descrição das características de uma startup.....	28
Quadro 3 – Exemplos de ações e projeto	33
Quadro 4 – Respostas coletadas	37
Quadro 5 – Respostas dos entrevistados	39
Quadro 6 – Levantamento de todas as respostas dos entrevistados	42
Quadro 7 – Levantamento das respostas coletadas	47
Quadro 8 – Levantamento dos dados acerca da visão dos formandos	50

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABSTARTUPS	Associação Brasileira de Startups
BID	Banco Interamericano de Desenvolvimento
CEART	Centro de Artesanato do Ceará
CEPPJ	Coordenadoria Especial de Políticas Públicas de Juventude
CONCLA	Comissão Nacional de Classificação
CUCAS	Centros Urbanos de Cultura, Arte, Ciência e Esporte
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EJA	Educação e Jovens e Adultos
EMCETUR	Centro de Turismo
FEAAC	Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade
GEM	<i>Global Entrepreneurship Monitor</i>
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
JUCEC	Junta Comercial do Estado do Ceará
LTDA	Sociedade Limitada
MEI	Microempreendedor Individual
ODS	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
PNAD CONTÍNUA	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – Contínua
PNADs	Pesquisas Nacionais por Amostra Domiciliar
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
POD	Programa de Oportunidades e Direitos
PPV	Pesquisa de Padrão de Vida
RIC	Rede de Incubadoras de Empresas do Ceará
SDE	Secretaria de Desenvolvimento Econômico
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SENAC	Serviços Nacionais de Aprendizagem Comercial
SENAI	Serviços Nacionais de Aprendizagem Industrial
SJCDH	Secretaria de Justiça, Cidadania e Direitos Humanos
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFC	Universidade Federal do Ceará
UNCTAD	<i>United Nations Conference on Trade and Development</i>
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	A escolha do tema e as primeiras impressões sobre o objeto de estudo	13
1.2	A descoberta do tema, os objetivos da pesquisa e a relevância do estudo	15
1.3	O perfil dos entrevistados e o contexto da pesquisa: em tempos de pandemia e isolamento social.....	17
1.4	A trajetória metodológica da pesquisa: o método de abordagem, os sujeitos entrevistados e as técnicas de coleta de dados	19
1.5	A dinâmica expositiva: a organização dos capítulos monográficos.....	21
2	A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DA JUVENTUDE BRASILEIRA E O ATO DE EMPREENDER	23
2.1	Empreendedorismo social: criatividade, participação e juventude em Fortaleza	25
2.2	Microempreendedorismo: pequenas e médias empresas, startups e feiras empreendedoras em Fortaleza-CE	27
2.3	O empreendedorismo como forma de sobrevivência: desemprego, trabalho informal e as dificuldades de ingresso no mercado de trabalho para a juventude....	30
3	O INCENTIVO AO EMPREENDEDORISMO PARA O SEGMENTO JOVEM EM FORTALEZA: A VISÃO DOS CONCLUDENTES DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO DA FEAAC/UFC.....	35
3.1	A visão dos concludentes sobre empreendedorismo	36
3.2	O conhecimento dos graduandos sobre ações/programas/projetos públicos que estimulem o empreendedorismo para o segmento jovem em Fortaleza	39
3.3	Já tentou empreender? aprendizagens, desafios e dificuldades enfrentadas ao tentar empreender	41
3.4	Que tipo de ações, programas ou projetos poderiam ser desenvolvidos para incentivar o empreendedorismo nesse momento de pandemia e calamidade pública?	47
3.5	Políticas públicas de estímulo ao empreendedorismo são necessárias?	49
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
	REFERÊNCIAS.....	54

1 INTRODUÇÃO

1.1 A escolha do tema e as primeiras impressões sobre o objeto de estudo

Esta pesquisa é resultado de inúmeras observações e experiências oriundas do contexto de graduação, articuladas ao estágio e, atualmente, o trabalho na gestão pública municipal de Fortaleza-CE. Ao longo dessa trajetória acadêmica, no contexto das experiências de formação profissional, constantemente, ouvi frases como: “vou montar meu próprio negócio”, “melhor é ser seu próprio patrão”, “vou deixar de trabalhar para os outros”. Na verdade, as referidas experiências, nada mais eram do que a busca – no sentido do “desejo de empreender”, de mudar as condições de existência, de vida e trabalho, mesmo que de maneira informal. No contexto da sala de aula de um curso de Administração de Empresas, o debate perpassa os grandes teóricos da área tais como: Taylor, Fayol e Drucker¹, além das trajetórias e experiências profissionais e pessoais dos nossos mestres, que sem dúvidas ofertavam qualidade ao debate, elevando assim o nível de entendimento a respeito do que é gerir e empreender.

O desafio da pesquisa partia do pressuposto de que o ato de empreender é emancipatório, ao possibilitar empregabilidade e, de certo modo, autonomia para aqueles que enveredam pela gestão do seu próprio negócio ou pela busca para empreender de diversas maneiras, especificidades e desafios. A partir daí, a pesquisa sobre o tema do empreendedorismo se adensa, tomando como ponto de partida diversos estudos e realidades que podem ser encontradas no cenário da academia brasileira.

Com base nos vários debates realizados, também emerge o papel do Estado na vida do empreendedor. Dentre os grupos de graduandos – liberais e até democratas na gestão de negócios, empreendedores e inovadores, de forma recorrente, apontavam o Estado como o leviatã², a instância de controle social que, a tudo e a todos manipula, espécie de interventor nas relações sociais. Trata-se de uma forma de pensar, no mínimo, reducionista, ao perceber o Estado e a gestão pública como instância eminentemente burocrática que apenas taxa, recolhe

¹ Taylor e Fayol são considerados os pais da administração e responsáveis pela evolução das diversas teorias da Administração voltada para o “chão de fábrica” – como era chamado o espaço industrial, onde acontecia o processo de produção de produtos fabris. Já Drucker é considerado o pai da Administração Moderna com uma visão organizacional e contemporânea do que concerne à gestão (CHIAVENATO, 1994).

² Metáfora utilizada pelo escritor Thomas Hobbes (1651), comparando o monstro mítico bíblico com o absolutismo do Estado e a teoria do contrato social, que teoriza os acordos que levam a formação de um Estado para a manutenção da ordem social.

tributos e nada incentiva. Do outro lado da discussão, não menos reducionista, encontra-se o debate sobre o campo das políticas públicas como a “caminho único” e eficaz para a redução das desigualdades sociais. A escolha por um polo ou outro, acaba por esquecer a relação “público – privado” e as diferentes compreensões sobre o ato de empreender – seja na lógica do artesão que se organiza em cooperativas, associados a movimentos sociais, ou por meio de grupos coletivos de economia criativa, ou microempreendedores e trabalhadores informais. Segundo Reis (2009), esse debate permeia áreas que se articulam entre si, quais sejam: a cultura, a sociologia, a economia, ou o desenvolvimento social constituído pela visão da área administrativa. Assim, o ato de empreender no Brasil, se define ou deveria se definir mais por políticas e programas de cunho socioeconômico, onde o social e o econômico atuam de “mãos dadas”, pautados pelo papel de um estado que busca a construção de um Estado de Bem Estar Social³ e menos por apenas políticas liberais ou neo liberalizantes.

Embora esse debate pareça não se articular bem, entendemos que o caminho para se chegar, efetivamente, ao “Estado Democrático de Direitos”, ou seja, em favor das políticas de inclusão social, empregabilidade para todos e com incentivo ao empreendedorismo na esfera da política governamental, talvez – vale colocar essa afirmação em suspenso, seja avançar na forma de empreender. Contudo, nesta pesquisa não foi possível apreender com clareza a visão dos jovens universitários – especificamente do curso de Administração de Empresas, da Universidade Federal do Ceará (UFC), sobre o incentivo ao empreendedorismo em Fortaleza-CE. Acerca disso, cabe indagar: afinal, a gestão pública municipal em Fortaleza, de fato, incentiva, divulga, assessora as experiências de jovens empreendedores? Ou essa trajetória, em busca de se tornar um empreendedor acontece de forma solitária, sem incentivos e fomentos por parte do poder executivo municipal? Com base nas questões acima e movida pelo incômodo que o tema sempre me causou, foi possível elaborar mais problemas que foram fundamentais na estruturação desta pesquisa, a saber: os desafios para empreender, dentre o segmento jovem ou universitário se deve por ausência de políticas públicas de incentivo ao empreendedorismo, ou pelo nosso desconhecimento no assunto?

Finalmente, ao tentar entender a compreensão dos concludentes do curso de Administração de Empresas da FEAAC/UFC sobre o ato de empreender, pretende-se também evidenciar, qual o nível de entendimento desses graduandos sobre empreendedorismo e sobre

³ Se trata de um *Estado protecionista*, cuja proteção social se baseia em processos de igualdade e equidade social, pautado na redistribuição da riqueza socialmente produzida pelo país. Grifos da autora.

gestão pública municipal, na tentativa de transformar o incômodo citado anteriormente em escolha analítica e objeto de estudo neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

1.2 A descoberta do tema, os objetivos da pesquisa e a relevância do estudo

A descoberta do tema de pesquisa constitui, de fato, um desafio. De tal forma, essa tomada de decisão exigiu muita leitura e reflexões sistemáticas. No caso do tema aqui proposto, trata-se de um campo de estudos já consolidado, circunscrito também como uma possibilidade de trabalho, de “sobrevivência” e luta por melhores condições de vida e futuro. No entanto, o ato de empreender sustenta-se em múltiplas dificuldades no tempo presente. As pesquisas divulgadas pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) de São Paulo (2010), apresentam em seus resultados que 27% das empresas paulistas fecham no seu primeiro ano de atividade. Desse modo, o contexto de São Paulo aponta que a taxa de mortalidade de empresas ainda é relativamente elevada. E, o município de Fortaleza não foge a regra. Todavia, na última pesquisa da Endeavor Brasil, realizada em 2017, sobre o índice de cidades empreendedoras, Fortaleza subiu 5 posições no ranking geral, o que pode indicar um contra movimento do setor econômico em uma escala municipal, algo relevante a ser investigado.

Segundo estatísticas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), (2013, 2014), em torno de 60% das empresas fecham com menos de 5 anos. Entre as regiões, as maiores taxas de sobrevivência de empresas foram do Sul (86,6%) e Sudeste (85,0%). As maiores taxas de entrada e saída foram as das regiões Norte (19,0% e 18,8%), Centro-Oeste (17,2% e 16,4%) e Nordeste (16,9% e 16,9%), considerando todo o território nacional, foi constatado que mais de 316 mil empresas encerraram suas atividades nos últimos 5 anos, ou seja, é perceptível um movimento de redução do investimento na economia criativa, o que reflete também numa redução de iniciativas empreendedoras ou de políticas públicas que incentivem o crescimento ou não fechamento das empresas de pequeno e médio porte.

Vale indagar os motivos que levam ao fechamento das empresas. Sobre esses motivos, alguns pressupostos podem ser destacados, ou seja: empreendedor sem preparação para atuar nessa prática? Falta de atitude de liderança ou planejamento prévio? Falta de incentivo por parte da gestão pública municipal? Insuficiência de políticas públicas de apoio; Flutuações na conjuntura econômica? Falta de ferramentas de apoio ao empreendedor? Problemas pessoais dos proprietários?

Em resposta às perguntas acima, vale contextualizar: o mundo dos negócios passa por grandes mudanças na atualidade. Fala-se em globalização e de cidadãos capazes de empreender e inovar, diante da crise estrutural do capitalismo contemporâneo em tempos de pandemia e isolamento social. Neste cenário, temos um vetor que demarca o que alguns chamam do “fim do emprego” e da flexibilização dos direitos trabalhistas. Daí a explosão de iniciativas pessoais para a formação de pequenos negócios. É o estímulo ao empreendedorismo, que segundo Oliveira (2001) pode ser observado por meio de algumas ações governamentais, com a criação de incubadoras de empresas, cooperativas e treinamentos com foco no empreendedorismo. E no contexto de Fortaleza? Essas ações estão sendo desenvolvidas? Afinal, como se dá a participação do setor público, ou seja, como a gestão pública se posiciona frente a esse contexto que necessita de maior intervenção do governo na sociedade? A situação se tornou ainda mais grave face à Pandemia da Covid-19: com os decretos⁴, que regulam o funcionamento do comércio, o Estado foi, mais uma vez, interpretado como o vilão que interfere, mas não fomenta, estimula ou incentiva.

É sabido que o papel do Estado não se limita à criação de conhecimento, programas e projetos desenvolvidos por meio de universidades e laboratórios de pesquisa, mas envolve também a mobilização de recursos, que permitam a difusão desse conhecimento e da inovação em todos os setores da economia (MAZZUCATO, 2014), o que desperta o interesse de ir além, ou seja: não apenas saber se isso acontece no nosso microcosmo de contexto de cidade, mas, principalmente, entender qual a nossa visão acerca deste fenômeno como estudiosos do tema e graduandos em administração de empresas. Assim, cabe debruçarmos sobre o tema, cujo objetivo geral é: investigar o incentivo ao empreendedorismo na gestão pública do município de Fortaleza-CE, na compreensão dos graduandos do curso de Administração de Empresas da UFC. Nesta perspectiva, traçamos como objetivos específicos os seguintes:

Realizar pesquisa bibliográfica sobre o conceito de empreendedorismo e gestão pública municipal;

- 1) Investigar os sentidos e significados atribuídos ao ato de empreender para graduandos do curso de Administração de Empresas da UFC.

⁴ O Governo do Ceará adotou medidas necessárias para conter em seu território a pandemia do novo coronavírus (Covid-19). Essas medidas estão publicadas em decretos. O primeiro deles foi divulgado em: 16 de março, de 2020. O decreto Nº 33.510, entre vários pontos, definia o fechamento das atividades comerciais consideradas não essenciais para o período de pandemia, ou seja: atividades culturais, religiosas, academias, festas etc. Fonte: Governo do Estado do Ceará, 2021.

2) Traçar o perfil dos acadêmicos entrevistados: idade, sexo, ocupação etc.

Em Fortaleza, os dados estatísticos revelam um percentual significativo de pessoas, habitantes da Capital do Ceará que desejam empreender. A partir daí emerge mais uma relevância, a qual justifica o estudo desse objeto de pesquisa. Assim, o tema apresenta relevância tanto em nível societal (para a sociedade), tanto em nível econômico (para a Economia) e para a UFC, especificamente para os jovens concludentes do curso de Administração de Empresas da FEAAC/UFC – participantes desta pesquisa.

Vale ainda destacar, a experiência pessoal da discente como pesquisadora e trabalhadora do campo da gestão pública em Fortaleza-CE. Trata-se do trabalho desenvolvido na área de políticas públicas para a juventude, na Coordenadoria de Políticas Públicas para Juventude de Fortaleza, com atuação na Rede Cuca (Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esporte), o que possibilitou observar as dificuldades enfrentadas pelo segmento jovem em busca de empregabilidade e inclusão no mercado de trabalho. A partir daí se delineia a escolha desse objeto de estudo, iniciado com a participação da pesquisadora nas particularidades da gestão pública municipal em Fortaleza-CE, enfocando o desafio do empreendedorismo jovem em Fortaleza-CE, inclusive “empreender dias melhores” e emancipação social.

1.3 O perfil dos entrevistados e o contexto da pesquisa: em tempos de pandemia e isolamento social

No Brasil, o campo de estudos sobre empreendedorismo, apesar de alguns autores classificarem como “batido”, “démodé” ou já “muito estudado”, ele faz parte dos estudos de Administração contemporânea e do campo das políticas públicas, tendo em vista o surgimento de inovações e ângulos diferenciados acerca desse tema, como: o surgimento de *Start Ups*, da Economia Criativa, das diversas tecnologias e aplicativos de vendas via canais digitais. Nesse contexto, o ato de empreender se torna contemporâneo, sendo citado em diversas estatísticas e pesquisas, que evidenciam mudanças e fenômenos sociais associados a esse processo. Assim, esse tema diretamente, remete ao contexto de pandemia e isolamento social, causado pelo chamado “Novo Corona Vírus” e suas variações. Na atualidade, o ato de empreender passou a ser uma imposição na luta pela sobrevivência.

De fato, existem muitos trabalhos e monografia sobre empreendedorismo. Mas, elaborações e pesquisas que entrecruzam diferentes campos do conhecimento, com diferentes compreensões sobre o assunto e, tendo ao fundo um contexto de pandemia/epidemia e recessão social, são poucas formulações. Assim, o recorte analítico demarcado aqui torna-se relevante e, de certo modo, apresenta características de ineditismo em sua composição. Nas obras sobre o tema, a maioria dos trabalhos trazem estatísticas sobre mudanças econômicas na dimensão do trabalho e da inclusão produtiva, a partir da reestruturação produtiva e seus aspectos na atualidade. Ou seja, a maioria desses estudos trazem análises sobre macroeconomia, com destaque para a Demografia e, mais raramente, para o campo das Políticas Públicas, Ciência Política ou Sociologia. Na verdade, essas pesquisas, em sua maioria, trazem informações que são encontradas nas Pesquisas Nacionais por Amostra Domiciliar (PNADs), ou na Pesquisa de Padrão de Vida (PPV), ambas realizadas pelo IBGE, as quais apresentam indicadores sobre acesso ao mercado de trabalho, escolarização, natalidade, mortalidade etc., bem como ocupação, renda e composição familiar de jovens empreendedores. Mas, estudos sobre a decisão de empreender e os incentivos por parte da gestão pública municipal são escassos.

Segundo Moraes *et al.* (2020), ao realizar pesquisa na base de dados do SEBRAE (2013) sobre as atividades socioeconômicas ou de inclusão produtiva: artesanato, economia criativa, empreendedorismo, trabalho informal, dentre outros termos, concluiu que essas atividades envolvem cerca de 10 milhões de pessoas, sobretudo nas faixas etárias entre 50 e 64 anos (41%) e entre 40 e 49 anos (27%), sendo 77% dos indivíduos do sexo feminino, ou seja, a imensa maioria. Sobre isso, cabe questionar: o ato de empreender tornou-se uma atividade de domínio do gênero feminino? Por que homens parecem empreender com menor frequência? Tais questões serão discutidas no terceiro capítulo desse estudo, intitulado: O incentivo ao empreendedorismo para o segmento jovem em Fortaleza: a visão dos concludentes do curso de Administração da FEAAC/UFC.

Vale destacar o perfil dos entrevistados – concludentes do curso de Administração de Empresas da Faculdade de Economia, Administração, Atuárias e Contabilidade, da Universidade Federal do Ceará (FEAAC/UFC). São graduandos que se encontram entre o sétimo e último semestre do curso e apresentam a seguinte composição socioeconômica, etária e ocupacional:

- a) todos são solteiros;

- b) possuem entre 24 e 29 anos;
- c) a imensa maioria é morador de Fortaleza, com apenas dois entrevistados naturais na região metropolitana.
- d) quanto ao gênero dos participantes da pesquisa, a maioria é feminino (sete), sendo apenas três do sexo masculino.
- e) apenas um participante é negro, dois pardos e a imensa maioria é branca;
- f) quanto a ocupação dos entrevistados, foram descritas as seguintes profissões: estagiárias de empresas privadas (02), estagiária de inteligência comercial (01), designer gráfico para confecção de apostilas (01), contador (a) (01), assistente de inteligência de mercado (01), analista administrativo (01), qualificador de vendas (01), analista de operações (01), auxiliar administrativo (01).

Com base no perfil dos entrevistados e levando em consideração o contexto da pesquisa, cabe destacar os desafios presentes nesse campo conceitual, ou seja: um campo complexo, com múltiplas determinações e entendimentos sobre: mercado, alternativa de trabalho, informalidade, luta pela sobrevivência, criatividade, inovação, reinserção no mercado etc. Tais determinações, que envolvem o tema ultrapassam, desse modo, as tentativas redutoras de definição e classificação, enquanto tema interdisciplinar e multifacetado.

1.4 A trajetória metodológica da pesquisa: o método de abordagem, os sujeitos entrevistados e as técnicas de coleta de dados

Como já mencionado, essa monografia sofreu redefinições. Inicialmente, a pergunta que deu origem a esta pesquisa, ia no sentido de procurar entender apenas a gestão pública municipal em Fortaleza com foco no Estado como instância de controle social: algoz? Ou Benfeitor social? Posteriormente, com os ajustes e recortes foi possível chegar a uma perspectiva de abordagem mais qualitativa acerca do tema. A rigor, o que nos trouxe até o atual recorte analítico do trabalho foi a tarefa diária da “observação em campo” – o contexto no qual estamos inseridas profissionalmente, e foi esse olhar que provocou a construção do problema de investigação – “vetor inicial” desta pesquisa, dotando-a de sentido, pressupostos e método.

Portanto, é na perspectiva de investigar o incentivo ao empreendedorismo na gestão pública do município de Fortaleza-CE, tendo como sujeitos da pesquisa os graduandos

do curso de Administração – UFC que foi possível resgatar o conceito de método de pesquisa. Segundo a autora Lakatos (2003), método “é o conjunto de atividades sistemáticas e racionais que busca minimizar processos e possíveis erros ou interpretações distorcidas, de modo a alcançar os objetivos propostos”.

Foram utilizados, na trajetória metodológica do estudo, especificamente, dois tipos de pesquisa, a saber:

- 1) Pesquisa Bibliográfica: de base teórica e conceitual, com autores e conceitos que venham a subsidiar a análise;
- 2) Pesquisa Exploratória: com uso de observação em campo e aplicação de entrevistas semiestruturadas como técnica de coleta de dados.

A rigor, seguimos, eminentemente, a abordagem qualitativa em pesquisa. Esta abordagem caracteriza-se por ser um estudo detalhado e exaustivo de poucos, ou mesmo de um único objeto, fornecendo conhecimentos profundos (EISENHARDT, 1989; YIN, 2009) dos dados levantados na pesquisa. Vale destacar que a pesquisa qualitativa é aquela capaz de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações e às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas, tanto no seu advento quanto nas suas transformações, como construções humanas significativas (BARDIN, 1977). Assim, a abordagem qualitativa aplica-se ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produto das interpretações que os seres humanos fazem de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam (TURATO *et al.*, 2008).

A dimensão teórica na pesquisa científica é de suma importância, tendo em vista subsidiar os conceitos que serão abordados ao longo do estudo. Desse modo, utilizamos a pesquisa bibliográfica como uma etapa fundamental nesse estudo, conforme esclarece Boccato (2006, p. 266),

A pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica. Para tanto, é de suma importância que o pesquisador realize um planejamento sistemático do processo de pesquisa, compreendendo desde a definição temática, passando pela construção lógica do trabalho até a decisão da sua forma de comunicação e divulgação.

Dentre as técnicas utilizadas na coleta de dados, cabe citar a aplicação de entrevistas semiestruturadas em concludentes do curso de Administração de Empresas da FEAAC/UFC, além da construção de diário de campo descritivo sobre as dificuldades encontradas pela discente/pesquisadora ao longo da investigação e coleta de dados da pesquisa.

Esta pesquisa, em sua análise, buscou ir além da simples coleta de informações. Mas, sobretudo, buscou conhecer os graduandos – inserindo-os como sujeitos, partícipes e protagonistas desse estudo. Quanto aos procedimentos e técnicas de pesquisa, foi construído o seguinte caminho metodológico:

- a) Levantamento sobre o perfil (cor, naturalidade, gênero, sexo, ocupação e estado civil) dos graduandos em Administração – FEAAC/UFC, participantes da pesquisa.
- b) Entrevista direcionadas aos graduandos – principalmente, concludentes com experiência no ato de empreender, tendo em vista investigar o incentivo ao empreendedorismo ofertado pela gestão pública do Município de Fortaleza-Ce.

1.5 A dinâmica expositiva: a organização dos capítulos monográficos

Para fins de organização, o trabalho foi dividido em três partes principais: Introdução ao tema, A participação política da juventude brasileira e o ato de empreender, e, por fim, Empreendedorismo jovem – universitário: a visão dos concludentes do curso de administração de Empresas da FEAAC/UFC.

Desse modo, o trabalho monográfico será apresentado em três capítulos. No capítulo introdutório serão apresentados o problema de pesquisa, a relevância do tema, o contexto da investigação e o método utilizado. Ou seja, a introdução nada mais é do que a contextualização das inquietações e escolhas metodológicas do pesquisador em busca do problema de partida, tendo em vista chegar nas possíveis respostas acerca da referida pergunta.

No segundo capítulo será discutido, com mais profundidade, os conceitos e formulações acerca do tema. Trata-se da articulação categorial e analítica dos “conceitos –

chave” utilizados na pesquisa, ou seja: empreendedorismo e juventude, cujos jovens são representados aqui, por graduandos em Administração.

E por fim, no terceiro capítulo apresentamos a dimensão empírica da pesquisa. Trata-se da análise dos sentidos atribuídos pelos concludentes do curso de Administração de Empresas – FEAAC/UFC sobre o incentivo ao empreendedorismo em Fortaleza: se existe incentivo, como percebem o fomento ao empreendedorismo por parte da gestão pública na Capital do Ceará? Como essa política transversal tem inserido os jovens e de que forma? E, acima de tudo, como estamos acessando as ferramentas disponibilizadas pela gestão pública municipal, na tentativa de promover e estimular o empreendedorismo local? Tais questões são pontos de partidas para novas e futuras investigações. Após os capítulos, ainda tecemos considerações finais, a título de conclusão.

2 A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DA JUVENTUDE BRASILEIRA E O ATO DE EMPREENDER

A participação política da juventude se dá de diferentes formas de acordo com o contexto de cada geração, ela já foi marco essencial para garantia de direitos, pressões por mudanças e avanços sociais, ou seja, ela não se faz no vazio cultural e histórico, mas em sociedades reais que carregam as marcas singulares de sua história e as dificuldades específicas de seu presente (CASTRO, 2008, p. 1).

Ao resgatar os meios que deram ao jovem a possibilidade da experiência na participação política, voltamos à década de 90, quando foi promulgado o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), regulamentado pela Lei 8.069/90 que, no Brasil, deu o pontapé para a discussão de políticas públicas de juventude.

[...] problemas como a exclusão, desigualdades sociais, discriminações e a violência decorrem de uma multiplicidade de fatores que interagem entre si formando complexas redes causais. [...] Combater a violência, em especial a violência juvenil, atacando a vulnerabilidade, requer a mudança na percepção dos formuladores de políticas latino-americanos sobre o papel de políticas sociais para a construção de uma sociedade mais igual, justa, pacífica e desenvolvida economicamente e a prioridade que essas políticas devem receber da atenção governamental. (ABRAMOVAY, 2002, p. 66).

Segundo Abad (2003) e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), (2010) as políticas públicas são definidas com base em diferentes fatores:

- a) o que um governo decide fazer – ou não – diante de uma situação;
- b) a capacidade de pressão de grupos que levam suas necessidades e demandas ao espaço público; 3) os recursos disponíveis;
- c) presença e força política de outros grupos que disputam os mesmos recursos;
- d) contexto global.

Dessa forma, fica claro a importância do jovem na participação política como agente de negociação e luta dos seus próprios direitos, sendo essa juventude fundamental para o desenvolvimento do país, por ser um contingente expressivo de capital social e humano, interferindo de forma direta em demandas sociais como educação, saúde, segurança e renda, sendo eles capazes de determinar mudanças relevantes na sociedade.

Apesar disso, os jovens parecem esquivar-se desse cenário quando o assunto é política: uma reportagem do jornal O Globo, de 2019, afirma que a participação dos jovens em partidos políticos naquele ano foi a menor desde 2008, mesmo sendo 14% da população formada por brasileiros e brasileiras com idade entre 16 e 24 anos, eles representam apenas 1,5% dos filiados no país. Em pesquisa financiada pelo Instituto Cidadania (ABRAMO, BRANCO, 2005) apenas 15% de jovens participam de quaisquer atividades de grupo no bairro e na cidade, mesmo que 37% dos jovens reconheçam que a política "influi muito" em suas vidas. Isso mostra que, apesar do jovem entender que ele precisa da assistência de políticas públicas, existe um desinteresse em uma atuação ativa, muitas vezes gerada pelo ceticismo nas instituições que garantem a eles tais direitos.

Entendendo que a juventude pode ter atuação na participação social, política e na elaboração e fiscalização de políticas públicas em contextos democráticos, cabe neste trabalho, esboçar um retrato dessa juventude que tanto é citada.

Segundo Bezerra (2015, p. 105), “a juventude é definida como uma construção sociocultural e histórica, sem restringir-se a delimitações de idade, de sexo, ou geracionais”, podemos assim ter um olhar subjetivo do que é essa juventude. Embora este trabalho investigue a visão dos estudantes de administração sobre o tema, entendendo os mesmos como “jovens”, podemos expandir um pouco esse conceito, trazendo como exemplo um personagem hipotético que entrou na universidade na faixa dos seus 40 anos e, assim como os outros estudantes, busca oportunidades de atuação na área ou um impulso para iniciar uma jornada no empreendedorismo. Assim, podemos subentender que ele também enfrenta problemas característicos desse grupo: busca pela primeira chance de atuação e/ou estímulo para empreender, ou seja, “o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta” (FOUCAULT, 1996, p. 26).

Não há de fato um conceito único de juventude que possa abranger os diferentes campos semânticos que lhe aparecem associados. As diferentes juventudes e as diferentes maneiras de olhar essas juventudes corresponderão, pois necessariamente, diferentes teorias (PAIS, 1996, p. 36).

Apesar da provocação acima, vamos tomar o conceito etário do IBGE que define a população de 15 a 24 anos como jovens – cerca de 34 milhões de brasileiros – apesar de não haver um consenso amplo sobre isso, alguns órgãos internacionais como a Organização das

Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) considera essa faixa etária até o 29 anos, e em outras abordagens, a experiência de ser jovem pode se estender ainda mais: a Comissão Nacional de Classificação (CONCLA), organismo responsável pelas classificações estatísticas do Brasil, define nosso país como “jovem” por ter mais da metade da população com idade entre 0 e 34 anos.

Podemos também, entender “juventude” como o estado transitório entre a adolescência e a vida adulta, entendendo “vida adulta” como a fase em que consideramos estar emancipados financeiramente, sem a dependência de terceiros para a sobreviver. Infelizmente os dados em volta disso são desanimadores: Segundo Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – Contínua (PNAD CONTÍNUA) a taxa de desemprego entre os jovens de 18 a 24 anos de idade ficou em 27,1% no primeiro trimestre de 2020.

No século XXI, a desterritorialização dos processos produtivos, a flexibilização das relações de trabalho e a diluição de mecanismos de ascensão social resultam em dificuldades crescentes da emancipação dos jovens e, por consequência, provocam uma dissincronia dos eventos que marcam a passagem para a vida adulta. (ABRAMO, 2014, p. 19).

É na tentativa de emancipação social que trazemos à luz o ato de empreender, seja como via de saída a escassez de ofertas de empregos formais ou como exercício da criatividade de gerar um novo negócio, produto ou serviço. Tomando de empréstimo a definição de Schumpeter (1982), na qual empreender é gerar um movimento de inovação que rompa o ciclo de um produto, negócio ou serviço, entendemos a importância do empreendedor como gerador de novos ciclos econômicos, e nos subtópicos a seguir vamos investigar algumas formas de empreendedorismo na nossa cidade.

2.1 Empreendedorismo social: criatividade, participação e juventude em Fortaleza

O empreendedorismo social é um estilo de negócio que tem como fim, para além do lucro monetário, o lucro social, podendo ocorrer no setor privado, no terceiro setor ou em organizações híbridas, segundo Austin, Stevenson e Wei-Skillern (2006).

Localmente, temos o exemplo da ENACTUS UFC, que se autodenomina como uma “organização sem fins lucrativos dedicada a inspirar os alunos a melhorar o mundo através da Ação Empreendedora” e o seu projeto premiado nacionalmente, o Crânio Verde, que visa à sustentabilidade, por meio do descarte correto do coco e reaproveitamento da sua

fibra. Segundo artigo lançado no IV Simpósio Nacional de Empreendedorismo Social da ENACTUS Brasil é afirmado que:

[...]a vertente ambiental do projeto visa reduzir a quantidade de coco descartada inadequadamente; a vertente financeira tem por objetivo promover a venda de subprodutos obtidos pelo beneficiamento do coco; e a vertente social, por sua vez, tem o objetivo de auxiliar na criação de uma associação dos vendedores do coco, bem como otimizar o ecossistema de vendedores de coco de Fortaleza, criando um padrão de qualidade. (MARTINS *et al.*, 2019, p. 1).

A verdade é que o projeto é um ótimo exemplo de empreendedorismo social, pois utilizou de uma atividade comercial, a venda do coco, para expandir um ecossistema de inovação tendo como foco os vendedores do entorno da Praia de Iracema, com a criação de uma associação para otimizar os lucros com melhores negociações de compra com fornecedores, e vendo o descarte como oportunidade de negócio, o reaproveitamento da fibra, com foco na sustentabilidade e meio ambiente, reduzindo os dejetos no calçadão da praia. Vale ressaltar que os membros da ENACTUS envolvidos no projeto tinham entre 19 e 24 anos, sendo todos estudantes universitários.

Em matéria do jornal “O Povo”, de 2019, é noticiado que em dois anos o número de empreendedores sociais triplicou no Ceará. Segundo declaração de Haroldo Rodrigues Jr., CEO da In3citi, investidora social cearense que capta recursos para aplicar em projetos de impacto e inovação: “Negócios de impacto são modelos tradicionais, o que incorpora é que o centro do negócio está voltado para gerar benefícios para usuários, pessoas ou o planeta, como objetivo fim daquilo que você comercializa”.

Outro exemplo de negócio social em Fortaleza é o *Social Brasilis*, criado em 2015 pela jovem Emanuely Oliveira (32), que é formada em letras pela UFC, e que atuou por quase quatro anos como professora da Educação e Jovens e Adultos (EJA), no bairro Pirambu, na zona oeste de Fortaleza. O negócio social cria metodologias de ensino de empreendedorismo social e de uso positivo da tecnologia, utilizando técnicas de gamificação para ensinar como desenhar, prototipar e realizar projetos. Ganhou o prêmio Ozires Silva de melhor projeto na categoria empreendedorismo na educação em 2017, por contribuições na ODS – Educação de qualidade no Estado do Ceará em 2017. Também ganhou o Prêmio Acolher em 2018, da Natura, na categoria negócios sociais. Em entrevista ao canal Porvir, ela relatou que “tinha um processo de exclusão digital e social, mesmo com as pessoas estando conectadas. O problema não era mais o acesso. Eles tinham smartphones, mas não sabiam usar a favor deles”.

São exemplos como os da ENACTUS – onde um grupo de jovens elabora iniciativas para a criação de um ecossistema de empreendedorismo sustentável, e como o da Emanuely – com uma iniciativa de negócio de impacto social, nascida da experiência individual, partindo de um problema social, ou seja: o do acesso à informação e educação que é possível visualizar, de forma prática, que o empreendedor social é “alguém que tem ideias novas, pensa e age criativamente, tem personalidade empreendedora e coloca em tudo o que pensa e faz o ideal de produzir impacto social benéfico” (ASHOKA, 2001, p. 35).

2.2 Microempreendedorismo: pequenas e médias empresas, startups e feiras empreendedoras em Fortaleza-CE

Na jornada de entendermos mais sobre o conceito de empreendedorismo e suas vertentes, precisamos explorar algumas de suas formas de atuação na prática, e vamos abordar neste subtópico o conceito do microempreendedorismo. No Brasil, esse termo nasceu com a figura jurídica do Microempreendedor Individual, criada pela lei Complementar 128/2008, na tentativa de tirar da informalidade mais de 10 milhões de brasileiros. Na visão de Lopes (2012), tal regramento possibilita aos autônomos, ou mesmo ambulantes, como a costureira, manicure, professores particulares, dentre outros, as suas regularizações, contribuindo com o pagamento de tributos de forma mais “inclusiva”, e em troca, usufruindo de benefícios antes apenas deferidos para os que já participavam do mercado formal. E para entender as diferenças entre essa modalidade e outras formas de empreendedorismo, segue abaixo um Quadro 1 explicativo fornecido pelo SEBRAE:

Quadro 1 – Definições das diferentes modalidades de empresas

	Definição	Receita Bruta Anual
Microempresa	Sociedade empresária sociedade simples, empresa individual de responsabilidade limitada e o empresário, devidamente registrados nos órgãos competentes, que aufera em cada ano calendário.	Igual ou inferior a R\$ 360.000,00
Empresa de Pequeno Porte	A empresa de pequeno porte não perderá seu enquadramento se obter adicionais de receitas de exportação até o limite de R\$ 4.800.000,00	Superior a R\$ 360.000,00 e igual ou inferior a R\$ 4.800.000,00
Microempreendedor Individual	É a pessoa que trabalha por conta própria e se legaliza como pequeno empresário optante pelo Simples Nacional. O microempreendedor pode possuir um único empregado e não pode ser sócio ou titular de outra empresa.	Igual ou inferior a R\$ 81.000,00

Fonte: SEBRAE (2021).

Além disso existem diferenças no quesito de recursos humanos, como visto no Quadro 1 o Microempreendedor Individual (MEI) pode ter até um funcionário, já a microempresa pode empregar até 9 colaboradores, para fins de comércio e serviço e a pequena empresa pode empregar de 10 a 49 pessoas, para comércio e serviço, e 20 a 99 pessoas para indústrias e empresas de construção.

Uma outra modalidade de empreendedorismo e, talvez, um das que mais desperta curiosidade e interesse entre os jovens são as Startups, que Trimi e Berbegal-Mirabent (2012) definem como uma empresa concebida para crescer rápido, e que, diferente da concepção geral das pessoas, não são necessariamente ligadas a tecnologia, mas sim empreendimentos que em fase de constituição buscam estabelecer um modelo escalável em um ambiente adverso.

A fim de explorar as definições dessas empresas, Giardino, Unterkalmsteiner e Paternoster (2014) descreveram as características das Startups baseadas em trabalhos anteriores.

Quadro 2 – Descrição das características de uma startup

Característica	Descrição
Escassez de recursos	Recursos econômicos e físicos extremamente limitados.
Alta reatividade	Capacidade de reação rápida a mudanças de mercado e tecnologia.
Inovação	Precisam se concentrar em explorar segmentos altamente inovadores no mercado.
Incerteza	Lidam com um ecossistema altamente incerto sob diversas perspectivas.
Rápida evolução	<i>Startups</i> de sucesso tem como objetivo crescer e se expandir.
Pressão do tempo	Ambiente incerto muitas vezes as obriga a trabalhar sob pressão constante.
Dependência de terceiros	Devido a falta de recursos, dependem fortemente de soluções externas, como <i>Softwares Open Source</i> , <i>outsourcing</i> e etc.
Equipe Pequena	Começam com um número pequeno de pessoas.
Um produto	Usualmente as atividades da empresa gravitam em torno de um produto/serviço.
Inexperiência	Boa parte da equipe de desenvolvimento é formada por pessoas com menos de cinco anos de experiência e muitas vezes recém-formados.
Empresa nova	A criação da empresa foi recente.
Organização completa	São geralmente centradas no fundador e todos na empresa têm grandes responsabilidades, sem necessidade de uma gestão superior.
Alto Risco	Taxa de falência elevada.

Quadro 2 – Descrição das características de uma startup

Característica	Descrição
Não autossustentável	Especialmente em sua fase inicial precisam de financiamento externo para financiar suas atividades.
Pouca experiência de trabalho	A base de uma cultura organizacional não está presente inicialmente.

Fonte: Adaptado de Giardino, Unterkalmsteiner e Paternoster (2014).

Em um levantamento divulgado pela Associação Brasileira de Startups (ABSTARTUPS) o Ceará, em 2020, contava com 183 startups, sendo Fortaleza a décima cidade brasileira com maior número de startups. A capital tem 136 startups registradas, trabalhando em segmentos como educação, saúde e bem-estar e finanças. Ainda nesse ano foi registrado no Ceará um crescimento de 13,34% no registro de novas empresas. O setor de Serviços foi o tipo mais demandado nas aberturas, com 4.288 registros, seguido do Comércio 3.082, com empresas, e de indústrias 850. O tipo jurídico que mais registrou aberturas foi Microempreendedor Individual (MEI), Sociedade Limitada (LTDA) 800, Empresário 440, respectivamente, de acordo com a Junta Comercial do Estado do Ceará (JUCEC), (2020).

Ademais a esses modelos, em Fortaleza temos o registro de um movimento ligado à economia criativa, as feiras empreendedoras. A partir da definição gerada de Howkins (2001) e combinando com a estruturação conceitual da *United Nations Conference on Trade and Development* (UNCTAD), (2010), pode-se afirmar que a economia criativa:

- a) é o conjunto de atividades econômicas que dependem do conteúdo simbólico – nele incluído a criatividade já citada, como fator mais expressivo para a produção de bens e serviços;
- b) é um conceito em evolução com base em recursos criativos potencialmente geradores de crescimento e desenvolvimento econômico;
- c) pode promover ganhos de geração de renda, criação de emprego e exportação, promovendo a inclusão social, a diversidade cultural e o desenvolvimento humano;
- d) abrange aspectos econômicos, culturais e sociais que interagem com a tecnologia e propriedade intelectual numa mesma dimensão e tem relações de transbordamento muito próximas com o turismo e o esporte.

Não é de se espantar que uma cidade como Fortaleza, que em 2020 foi o 5º destino mais procurado pelo turismo nacional, tenha pólos de empreendedores voltados para o turismo e artesanato, que atuam de forma cooperativa, como os artesãos e comerciantes em torno do Centro de Artesanato do Ceará (CEART), do Centro de Turismo (EMCETUR), da Feira de Artesanato da Beira-Mar e do Mercado Central de Fortaleza. E para além disso, faz parte da construção cultural dos bairros de periferia o comércio nas feiras livres, em sua maioria composta por trabalhadores informais que atuam na venda de frutas e verduras

A beira do mar é a passarela da Fortaleza sob a mira dos turistas, mas a cidade de desvela, palpável e efêmera, na multiplicidade de seus bairros. Retalhos coloridos numa trama feita de tempo e memória. As festas de São João no Conjunto Ceará. As bodegas do Benfica. As feiras livres da Parangaba e da Messejana. Os camelôs do Centro. Os sete prédios da Francisco Sá. As chácaras de Mister Hull. Os casarões de Jacarecanga. As árvores das avenidas Bezerra de Menezes e da Dom Manuel. O Campo do América. O Bosque da Letras da UFC. A Praça Portugal. Maracatu, caninha-verde, reisado e pastoril. (SECULT, 2006, p. 30).

Quase como uma mescla desses conceitos e resultado dessa cultura empreendedora de formar coletivos para compra e venda, que surge uma nova experiência de consumo na nossa cidade: as feiras empreendedoras. A exemplo disso temos a Feira La Grue, que reúne mais de 30 marcas cearenses e que chama atenção tanto pelo local do evento, uma conhecida boate de Fortaleza, quanto pela variedade de produtos, que vai desde roupas até artigos de decoração, vendidos em meio a música alternativa e uma cerveja ou outra entre amigos. Outro exemplo, é o Babado Coletivo, feira colaborativa itinerante que reúne marcas autorais cearenses no segmento da moda, que já aconteceu em locais como Mercado dos Pinhões, Mambembe Arte e Praça das Flores, em meio a foodtrucks e cervejas artesanais. São feiras que chamam atenção dos jovens, como produtores, empreendedores e consumidores e que vem aquecendo o mercado da economia criativa da nossa cidade, como ressaltou Howkins (2001) todas essas atividades têm em comum indivíduos que exercem a sua imaginação e que sabem explorar o valor econômico desse exercício.

2.3 O empreendedorismo como forma de sobrevivência: desemprego, trabalho informal e as dificuldades de ingresso no mercado de trabalho para a juventude

Ao se falar em empreendedorismo, para a maioria das pessoas, o que vem a mente é a área econômica, ou a gestão de empresas e negócios. A rigor, o estudo sobre empreendedorismo é de grande importância, sendo considerado para vários autores a “matéria-prima”, ou seja, a atividade primordial para a sobrevivência humana, e para o

desenvolvimento econômico, tendo em vista criar empregos e prosperidade para o conjunto da sociedade. Contudo, nem sempre isso é possível. Desse modo, é relevante estudar e entender o empreendedorismo sob vários aspectos: seja como um novo negócio, como inserção de algum produto novo no mercado, com novas tecnologias que venham a suprir demandas ou necessidades populacionais. Para isso, é necessário medir os riscos de fracassos, tendo como base o planejamento e o trabalho em equipe.

Os empreendedores, normalmente, têm sua gênese por duas alternativas: necessidade ou opção de empreender. Os empreendedores por necessidade representariam uma “parcela da população envolvida com o empreendedorismo por não ter outra opção de trabalho” (GEM, 2011, p. 89). Já os empreendedores por oportunidade formariam uma parcela da população que pode ser descrito da seguinte forma: “envolvida com o empreendedorismo não por não ter outra opção de trabalho, e, sim, por ter identificado uma oportunidade de negócio que pretende perseguir” (GEM, 2011, p. 89). Já o empreendedor movido por oportunidade “é capaz de escolher um empreendimento dentre as opções possíveis de carreiras” (REYNOLDS *et al.*, 2002, p. 20). Segundo responsáveis pelo projeto, seria possível “classificar mais de 97% daqueles indivíduos ativamente envolvidos em alguma atividade empreendedora como empreendedores motivados por oportunidade ou por necessidade” (REYNOLDS *et al.*, 2002, p. 20).

Sobre o desemprego no Brasil, o IBGE destaca que a taxa foi de 13,4% em 2020 (PNADC, 2020). Nesta estatística, somam 13,4 milhões de pessoas sem emprego formal no país, e apesar de a pesquisa ser publicada em um contexto pandêmico, de encolhimento econômico, não é recente a discussão sobre a precarização do trabalho formal, no Brasil e no mundo. Antunes defende a tese de que o capitalismo precisa “cada vez menos do trabalho estável e cada vez mais das mais diversificadas formas de trabalho parcial ou part-time, terceirizado, que são, em escala crescente, parte constitutiva do processo de produção capitalista” (ANTUNES, 1999, p. 119).

Devido a esse problema social, denominado de desemprego, muitos trabalhadores tentam no empreendedorismo e no trabalho informal encontrar uma forma de complementar a sua renda familiar. Cabe aqui uma reflexão da linha tênue que separa o empreendedor informal do trabalho informal: o entregador de delivery ou o motorista de aplicativo é um empreendedor ou um trabalhador informal? Ambos podem ser colocados como donos da sua força de trabalho, mas não como donos do seu trabalho, tendo em vista que a flexibilização

das leis trabalhistas os colocam como meio de um negócio de outrem, servindo a um patrão invisível. Nós como estudiosos de Administração precisamos estar atentos a isso para não perder de vista o debate em torno dessas categorias de análise, ou misturarmos os conceitos: o empreendedorismo deve ser fomentado, mas não como uma naturalização da informalidade, que para Tavares (2002, p. 147)

[...] é vista como fruto da incapacidade de geração de empregos nos mercados formais, passa a incorporar contingentes antes empregados em todos os níveis do mercado formal. Entendemos que o aumento da informalidade pode ser visto como parte do processo de reestruturação produtiva do capital. É no contexto do trabalho precarizado que se desenvolve o trabalho informal.

O problema do desemprego entre os jovens é ainda mais preocupante, segundo o IBGE a taxa foi de 27,1% (PNADC, 2020). Sobre esta análise, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), (2020, p. 16) alerta:

A saída muito frequente para jovens do setor formal tende a gerar menor incentivo para se investir em treinamento (tanto por parte do empresário como por parte do próprio jovem), além de contribuir para a destruição do capital humano específico que tiver sido acumulado na empresa. No longo prazo, esses efeitos geram menores níveis de produtividade – e, portanto, de salários – tanto para o trabalhador individual quanto para a economia como um todo.

Quando se trata de desenvolvimento profissional Cruces, Ham e Viollaz (2012) mostram que o jovem que ocupa um posto informal, no início de sua trajetória profissional, tem um crescimento de salário menor que outro jovem semelhante que ingressa no mercado de trabalho em um posto formal.

Pode-se perceber nas referências e estatísticas apresentadas, os vários desafios para o ingresso no mercado de trabalho, seja em nível de desenvolvimento profissional, quanto para dar início a um empreendimento.

A seguir, abordaremos alguns projetos e ações da gestão pública no município de Fortaleza, como forma de contingenciar as desigualdades causadas pela falta de geração de renda. Segundo o Modelo de Excelência em Gestão Pública, “a administração pública busca gerar valor para a sociedade e formas de garantir o desenvolvimento sustentável, sem perder de vista a obrigação de utilizar os recursos de forma eficiente” (BRASIL, 2014, p. 10).

É sabido que a gestão pública descentraliza suas ações com os entes responsáveis diretos pela execução das políticas públicas. Nesta percepção, é importante expor as ações e projetos da Secretaria de Desenvolvimento Econômico (SDE), (2020) que:

tem por finalidade implementar ações estratégicas de desenvolvimento econômico autossustentável, gerenciando processos de indução e fomento ao desenvolvimento e implementação de novos negócios. O órgão deve promover iniciativas de fortalecimento do sistema produtivo formal e informal, apoiando a concessão de flexibilidade e infraestruturas para implantação de negócios locais visando dar efetividade às ações do Município.

Além da SDE, existe um outro ente do executivo da gestão pública municipal responsável pela aplicação de políticas públicas de juventude, a Coordenadoria Especial de Políticas Públicas de Juventude (CEPPJ), criada em 2007 e que tem como objetivo desenvolver e coordenar ações que garantam os direitos dos jovens, entre eles, “direito ao trabalho, à livre escolha de emprego, a condições justas e favoráveis de trabalho e à proteção contra o desemprego” (CONSTITUIÇÃO, 1988).

Quadro 3 – Exemplos de ações e projeto

Centro de Qualificação Profissional	Voltado para a democratização do acesso a cursos de qualificação. É uma política pública transversal entre economia solidária, assistência social, tecnologia, dentre outras áreas.	Bairros Vila União e Monte Castelo	SDE
Centro de Referência do Empreendedor	Oferece espaços voltados para empresas de base tecnológica com ambiente coworking, sala de capacitação, sala do empreendedor, espaço para atendimento do Sine Municipal, dentre outros serviços.	Bairro Bom Jardim e Vicente Pinzón (Grande Mucuripe)	SDE
Empreendedorismo Sustentável	Busca promover ações de apoio aos empreendimentos, oferecendo formalização de microempreendedores, capacitação gerencial, orientação para acesso ao microcrédito, consultorias e apoio na comercialização de produtos e serviços.	-	SDE
Espaço Cidadania	Nos espaços a população pode encontrar serviços de triagem e intermediação de mão de obra, por meio do Sine Municipal, além de atendimento aos micros e pequenos empreendedores do bairro.	Bairros Jangurussu, Goiabeiras, Barra do Ceará, Vila Velha, Caça e Pesca, Panamericano, Bonsucesso, Canindezinho e Grande Messejana (Pôr do Sol)	SDE
Sine Municipal de Fortaleza	Os interessados nas vagas de emprego devem comparecer em uma das unidades do Sine com RG, CPF, carteira de trabalho, comprovante de endereço, de escolaridade e de cursos realizados.	-	SDE em parceria com o Ministério da Economia
Rede Cuca	A Rede Cuca é uma rede de proteção social e oportunidades, entre elas, disponibilidade cursos nas áreas de tecnologia e empregabilidade e fomento ao empreendedorismo e inserção no mercado de trabalho	Bairros Jangurussu, Barra do Ceará, Mondubim e Conjunto Prefeito José Walter	CEPPJ

Fonte: Elaborado pela autora.

Dentre o exposto acima, cabe um destaque para a Rede Cuca, que em 2014 realizou o um projeto de Incubadora de Economia Criativa em parceria com a SDE e com a Rede de Incubadoras de Empresas do Ceará (RIC), no intuito de estimular o surgimento de novos negócios, produtos e patentes protagonizadas por jovens de baixa renda.

3 O INCENTIVO AO EMPREENDEDORISMO PARA O SEGMENTO JOVEM EM FORTALEZA: A VISÃO DOS CONCLUDENTES DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO DA FEAAC/UFC

Concordamos com as formulações de Oliveira (2017), ao afirmar que, hoje em dia, é possível incentivar/ensinar o empreendedorismo, diferente da visão que entendia o empreendedorismo como uma habilidade própria e inata aos indivíduos, ou seja, que estes já nasciam com tal “dom”. Na verdade, o sucesso do empreendedor, depende de vários fatores, que são internos e externos, como: sua forma de administrar, se é organizado ou não, do perfil do empreendedor, quais são as perspectivas para o futuro do negócio, além da motivação das pessoas em seus diversos fatores, como empreender apenas por determinado período de desemprego, ou para complementar a renda, ou para criar tecnologias novas, software e produtos diferenciados para o mercado.

Historicamente, o contexto dos anos 90 foi o palco do encontro entre o “ato de empreender” e a gestão pública. Nesta década, efetivaram-se ações e parcerias entre os setores público e privado, diante dos novos desafios do mundo do trabalho, nos marcos da reestruturação produtiva. Segundo Moraes *et al.* (2020), as reformas liberalizantes do início dos anos 1990 – políticas ditas de enfrentamento do desemprego e do subemprego – disseminaram a ideologia do empreendedorismo⁵ como estratégia para (re)inserir pessoas no mercado de trabalho, não mais subjugadas a um padrão. Assim, a dimensão da autonomia econômica e a satisfação de produzir/fazer/criar um produto, uma tecnologia, um procedimento faz com que a busca para empreender assuma uma dimensão bastante significativa na atualidade, seja como trabalho temporário, trabalho por tarefas, trabalho terceirizado, trabalho em residências, teletrabalho, autoemprego e trabalho por conta própria etc. Tais termos foram, então, acionados pela ideologia da liberdade de mercado e das conquistas econômicas e sociais viabilizadas pelo “trabalho autônomo” (SERAINE, 2009, 2016).

Trazendo para o contexto desse estudo, vale questionar: e na compreensão dos concludentes do curso de Administração de Empresas da Universidade Federal do Ceará (FEAAC/UFC), o que é empreendedorismo? O que entendem sobre o ato de empreender? O roteiro de perguntas, usadas nas entrevistas realizadas seguiu a seguinte organização:

⁵ Sobre o tema ver Moraes (2013) e Seraine (2009, 2016).

- 1) qual a sua cor, sexo, idade, ocupação, naturalidade e estado civil?
- 2) em seu entendimento, o que é empreendedorismo? O que você entende sobre o ato de empreender?
- 3) você conhece alguma política pública, projeto ou ação da gestão pública municipal que possibilita o fomento ao empreendedorismo jovem ou universitário?
- 4) durante sua trajetória acadêmica e profissional, você já tentou ou decidiu empreender? Se sim. Descreva a área ou negócio desenvolvido. Se não. Explique por quê?
- 5) para os formandos com experiência empreendedora. Partindo de sua experiência, descreva as aprendizagens, desafios e dificuldades encontradas.
- 6) para os formandos com experiência empreendedora. Com base em sua experiência com empreendedorismo, responda: você recebeu incentivos, formação ou capacitação, fomento ou financiamento por parte da gestão pública em Fortaleza? Descreva.
- 7) quais ações: planos, programas ou projetos, a gestão pública municipal poderia realizar tendo em vista o fomento ao empreendedorismo nesse momento de pandemia e calamidade pública?
- 8) em sua visão, uma política pública de fomento ao empreendedorismo é necessária em Fortaleza? Por quê?

3.1 A visão dos concludentes sobre empreendedorismo

Segundo Lakatos e Marconi (1992), analisar dados empíricos requer uma escolha metodológica, que se relaciona ao Método de Procedimento utilizado na pesquisa. A rigor, “os métodos de procedimento constituem etapas concretas da investigação, com finalidade mais restrita em termos de explicação geral dos fenômenos menos abstratos, ou seja, estão relacionados com os procedimentos técnicos a serem seguidos pelo pesquisador dentro de determinada área de conhecimento” (LAKATOS; MARCONI, 1992, p. 68). O método de procedimento utilizado no presente trabalho foi a análise de Conteúdo, com base nas formulações de Bardin (1977), onde o esforço analítico segue as seguintes fases: pré-análise dos dados, leitura/exploração do material coletado e tratamento dos dados – inferência, e interpretação dos dados. Em termos empíricos, realizamos uma pesquisa eminentemente

qualitativa, com roteiro de entrevista semiestruturadas, com perguntas abertas, totalizando uma amostra significativa de concludentes do curso de Administração/UFC.

Vale ressaltar que a análise se inicia na pergunta 2. Os dados referentes a pergunta 1. (cor, sexo, idade, ocupação, naturalidade e estado civil) foram utilizados no primeiro capítulo desta monografia, intitulada: “O perfil dos entrevistados e o contexto da pesquisa: em tempos de pandemia e isolamento social”.

Segue abaixo, o levantamento das respostas coletadas.

Quadro 4 – Respostas coletadas

PERGUNTA 2. Em seu entendimento, o que é empreendedorismo? O que você entende sobre o ato de empreender?
Entrevistado 1. “Empreendedorismo é ter a ideia de um negócio diferenciado e que precisa ser inovador. Pra mim empreender vem com a ideia de inovar também. Então, é criar um negócio inovador no mercado ou que tenha a intenção de melhorar. Tipo, você vai empreender fazendo uma coisa nova no mercado, que pode ser novo, ou já existente”.
Entrevistado 2. “Pra mim o ato de empreender é o equivalente a você colocar energia em alguma coisa. É você dispor de energia e de tempo na construção de algo”.
Entrevistado 3. “Empreendedorismo é todo e qualquer negócio que visa resolver algum problema da nossa sociedade, ou de parte específica dela. Toda pessoa que tem algum produto/serviço/ negócio que renda dinheiro e resolva o problema de algo ou alguém pra mim é empreendedorismo”.
Entrevistado 4. “É ter um negócio e gerir um negócio de forma que ele tenha uma alteração contínua”.
Entrevistado 5. “Empreender é iniciar um novo negócio, de maneira inovadora”.
Entrevistado 6. “Pra mim o empreendedorismo tá muito relacionado com você assumir uma postura de vender algo, seja um serviço ou um produto. É você estar disponibilizando para uma série de clientes algum produto ou serviço e você tá diretamente ligado a essa parte tanto da produção quanto da gestão em si”.
Entrevistado 7. “Empreender pra mim é qualquer atividade que você vai exercer por conta própria. Você pode empreender em qualquer segmento, seja no terceiro setor ou na área privada, sendo uma atividade com fins lucrativos ou não. É qualquer projeto que você tem na cabeça e coloca pra frente”.
Entrevistado 8. “Eu enxergo como o ato de você tirar do papel uma ideia de negócio”.
Entrevistado 9. “Pra mim o ato de empreender é basicamente colocar uma ideia em prática. É você ter uma nova ideia de um produto ou serviço e tomar a decisão de colocar isso em prática no mercado. E isso vai desde organizações lucrativas até ideias sociais, e aí o empreendedor se torna meio que responsável por levar essa ideia pra frente, digamos assim”.
Entrevistado 10. “Empreendedorismo é conseguir idealizar, planejar e colocar pra fora do papel uma ideia de empresa. Algum produto que você consiga tornar ele mercadologicamente pra vender”.

Fonte: Elaborado pela autora.

Com base nas respostas dos entrevistados, percebe-se uma visão bastante homogênea e, ao mesmo tempo, superficial sobre o tema. As compreensões dos graduandos se pautam nas seguintes palavras – chave: inovação, novo negócio, nova ideia, conta própria, colocar em prática, tirar do papel uma ideia, demanda tempo e energia etc. A maioria dos entrevistados associa empreendedorismo à inovação, como se essa característica – de ser inovador – fosse obrigatória ao ato de empreender. Tal aspecto, na verdade, reforça a ideia de exclusão social, indo no contrassenso da perspectiva de educação empreendedora, que deve

ser incentivada pela gestão pública. Dessa forma, a perspectiva de educação empreendedora traz, ou deveria trazer em sua constituição, múltiplas formas e possibilidades de negócios.

Segundo Oliveira (2017), o conceito de empreendedorismo obteve um novo significado em 1911 com a publicação da “Teoria do Desenvolvimento Econômico” de Joseph Schumpeter, o qual foi considerado como o grande propulsor no campo do empreendedorismo, dando um novo conceito para inovação. Segundo Schumpeter (1982, p. 60), o empreendedor é: “aquele que destrói a ordem econômica existente pela introdução de novos produtos e serviços, pela criação de novas formas de organização ou pela exploração de novos recursos e materiais”.

Por outro lado, o sentido de “inovação” deve passar por profundas reflexões e debates. O entendimento não é percebê-lo como “criação extraordinária”, a ser realizado apenas por alguém com inteligência diferenciada, capaz de ter liderança em todos os espaços organizacionais e sociais onde transita, o qual se utiliza do talento para aproveitar as novas oportunidades que lhe surge, aprimorando, desse modo, as tecnologias para ter uma otimização dos processos. Acima de tudo, o ato de empreender na gestão pública é, ou deve ser, produto de um trabalho em equipe, que é capaz de ter boas ideias para resolução de problemas econômicos, organizacionais e sociais, rompendo assim com velhos paradigmas e estabelecendo novos padrões de consumo, de inclusão produtiva e de produção para a sociedade.

Todavia, no campo da gestão pública brasileira, a prática do empreendedorismo se deu de forma tardia, pois foi somente nos anos de 1970 e 1990 que alguns produtos, criados de forma manual ou artesanal – costura, confecção, culinária, jardinagem, venda de mudas, feiras ecológicas etc, tornaram-se relevantes como atividade de inclusão produtiva, econômica e social. Nesta perspectiva, esses produtos possibilitariam a inserção de pequenos produtores, artesãos, coletivos de estudantes associados, donas de casa transformadas em doceiras, se tornassem empreendedores, como participantes de uma nova lógica de mercado, com base no incentivo, no fomento e na educação empreendedora.

3.2 O conhecimento dos graduandos sobre ações/programas/projetos públicos que estimulem o empreendedorismo para o segmento jovem em Fortaleza

Analisar o conhecimento dos graduandos da FEAAC/UFC sobre as ações voltadas ao segmento jovem por parte da gestão pública em Fortaleza é, trazer a mente, dois processos que se articulam entre si:

- 1) em Fortaleza, é a Coordenadoria Especial de Políticas para a Juventude – implantada em 2007, o órgão responsável por desenvolver e coordenar as ações e políticas voltadas para o segmento jovem no referido município. Portanto, também caberia a esse órgão desenvolver e divulgar programas e projetos de estímulo e educação empreendedora para a juventude;
- 2) sendo a Universidade constituída por um público que é, em sua maioria jovem, esta também compõe ou deveria compor – junto com a gestão pública municipal, a rede de instituições que estimulam, incentivam e fomentam o empreendedorismo juvenil.

Seguem abaixo, as respostas dos entrevistados sobre ações/programas e projetos de estímulo ao empreendedorismo na Capital do Ceará.

Quadro 5 – Respostas dos entrevistados

PERGUNTA 3. Você conhece alguma política pública, projeto ou ação da gestão pública municipal que possibilita o fomento ao empreendedorismo jovem ou universitário?
Entrevistado 1. “Não. Eu sei que tem o MEI (microempreendedor individual). Mas não é um incentivo voltado ao público jovem. E na verdade nem é um incentivo, é um curso pra você ser isento ou pagar imposto”.
Entrevistado 2. “Não. Não conheço. Sei que existem ações culturais que realmente não sei se são políticas públicas, mas sei que elas de fato não são tão voltadas pra essa questão de empreendedorismo. Na verdade, elas são mais voltadas mesmo pra questão de fomento cultural, de dança, de música e coisas nesse sentido”.
Entrevistado 3. “Da prefeitura não. Conheço de âmbito federal como a Lei empresa Júnior que é uma lei que beneficia esse empreendedorismo dentro das universidades. Mas, no âmbito municipal, que eu me lembre não. Na verdade, eu já vi alguns projetos relacionados a empreendedorismo faz pouco tempo, só não tô lembrado muito bem como é. Eu sei que era um projeto que ia dar um benefício financeiro pra pessoas que apresentassem um projeto de empreendedorismo e era voltado pra algum público específico, não lembro se pra jovens estudantes ou pra mulheres, mas era algo do tipo. Conhecer a fundo eu não conheço não. Eu ouvi falar dela pelo Instagram”.
Entrevistado 4. “Não conheço”.
Entrevistado 5. “Não. Não conheço”.
Entrevistado 6. “Não. Municipal eu não conheço. O que eu conheço de política pública que eu acho que nem é tanto pública, é a questão dos bancos de desenvolvimento (como o BNDES) que tem aquela linha de crédito pra pequenos empreendedores, isso acaba facilitando bastante pra muita gente conseguir empreender. Mas políticas públicas municipais, não tenho conhecimento”.
Entrevistado 7. “Não. Pública não”.
Entrevistado 8. “Eu sei que nos CUCAS existem cursos que profissionalizam os jovens em vários setores, mas não sei se o foco desses cursos é fazer com que eles consigam empreender de fato, mas sei que de certa forma ajuda os jovens a empreender. Mas assim, uma política pública que é feita para o empreendedorismo,

Quadro 5 – Respostas dos entrevistados

não me vem na cabeça”.
Entrevistado 9. “Tem o bolsa jovem né? Eu sei que o bolsa jovem apoia vários tipos de ações diferentes e se eu não me engane uma delas é voltada ao empreendedorismo, ou ao menos apoiar jovens que estão em projetos relacionados a isso. Tipo a empresa Júnior, por exemplo”.
Entrevistado 10. “Eu não sei o nome, mas na cadeira de criação de novos negócios *alguém* falou, eu não sei o nome, mas ele é governamental e a pessoa já chega com a ideia de empreendedorismo, e aí passa por um processo de seleção pra saber se é viável e então nesse projeto, ele consegue colocar pra frente. Eu sei que é público e deve ser da prefeitura, mas eu não lembro”.

Fonte: Elaborado pela autora.

Nas respostas acima, é notório o desconhecimento dos formandos em Administração da Universidade Federal do Ceará sobre ações/programas e projetos que estimulem o empreendedorismo em Fortaleza. Vale indagar: tal desconhecimento é fruto da inexistência de disciplinas que abordem o tema ou, de fato, inexistente por parte da gestão pública municipal, ações que incentivem o empreendedorismo para o segmento jovem?

Em verdade, a disciplina de empreendedorismo ou criação de novos negócios em muitas grades curriculares do curso de Administração nem existe. Trata-se de uma criação recente, em construção – apesar de todo o campo de estudos já consolidado sobre o tema. Talvez, venha daí a falta de conhecimento dos alunos sobre empreendedorismo e, mais especificamente, sobre as ações de incentivo ao empreendedorismo em Fortaleza. Deflagra-se, desse modo, um campo propício para investimentos públicos, sobretudo na área da educação empreendedora, tendo em vista o momento de calamidade pública e distanciamento social que assola o Brasil, acirrado pela Pandemia da Covid-19.

Os graduandos, em suas falas, apresentam lacunas no conhecimento sobre ações de incentivo ao empreendedorismo. Na maioria das vezes, não lembram os programas e projetos ou confundem ações desenvolvidas por instituições privadas, sem fins lucrativos como: o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e os Serviços Nacionais de Aprendizagem Comercial (SENAC) e de Serviços Nacionais de Aprendizagem Industrial (SENAI) com ações desenvolvidas pela gestão pública municipal de Fortaleza. Desse modo, os graduandos do curso de administração da FEAAC/UFC parecem não ter clareza sobre políticas de incentivo ao empreendedorismo na capital do Ceará, nem percebem a importância das dimensões técnica, política e social presentes nestas ações, neste contexto de pandemia e calamidade pública. Segundo alguns autores, vivenciamos um “cenário de crises” – econômica, identitária, ambiental..., em meio a uma pluralidade de debates, discussões e divergências sobre o tema. O que se observa é uma “pluralidade de debates” e “muito marketing” em torno das ações de estímulo ao empreendedorismo, como: “ative o

modo empreendedor”, “Seja seu próprio patrão”, “Tire a sua ideia do papel”. No contraponto da discussão somam-se intensos debates em torno dos conceitos de cidadania, direitos e participação política. Sobre isso, interessa saber: O que são políticas públicas? A quem elas beneficiam, afinal?

Não há um consenso sobre a definição de políticas públicas. Seria uma solução ou problema? Cidadania ou tutela estatal? Emancipação dos cidadãos ou controle social por parte do Estado? São muitas interpretações interpretações acerca das políticas e ações públicas, igualmente, são os que a colocam sob análise, os que a ela estão submetidos, os que a elaboram, os que a põem em execução, os que a financiam e os que a avaliam. Desse conjunto de formulações acerca das políticas públicas, especificamente as chamadas políticas de desenvolvimento social, vale destacar as formulações de Demo (2002) e Marshall (1967).

Segundo Marshall (1967, p. 7), trata-se de uma “política dos Governos que se relaciona às ações que exerçam um impacto direto sobre o bem-estar dos cidadãos, ao proporcionar-lhes serviços ou renda”. Assim, a conceituação de Marshall sobre esse tipo de política concentra-se na positivação dos resultados por parte da gestão pública. Na visão de Demo (2002), uma política pública deve ser entendida como um esforço planejado do estado e da sociedade, tendo em vista o gerenciamento das desigualdades sociais. Desse modo, a política de incentivo ao empreendedorismo, não haveria de acontecer noutra esfera que não a da gestão pública. Seriam, pois, ações entrelaçadas entre o público e o privado e resultados de uma vontade da sociedade e do Estado. Seriam, ainda, expressões do atendimento de demandas sociais, isto é, necessidades que se tornaram visíveis no contexto brasileiro, configurando-se, portanto, as faces da questão social no Brasil: pobreza, desemprego, exclusão social etc.

3.3 Já tentou empreender? aprendizagens, desafios e dificuldades enfrentadas ao tentar empreender

As tentativas para empreender por parte dos graduandos parecem, na maioria das vezes, acontecer de forma sazonal ou esporádica: para viajar, para juntar dinheiro e pagar determinada dívida, para complementar renda em determinado período etc. Empreender, para esses entrevistados, não parece significar uma “forma de sobrevivência” ou “projeto de vida”, nem mesmo um negócio ou projeto sistematizado e planejado: desde a etapa inicial – a ideia, as formas de financiamento, o desenvolvimento do produto/software, ou a implantação do

empreendimento, até chegar ao cliente (venda), ou ao público a ser beneficiado (no caso de ações e projetos oriundos da gestão pública). Nas respostas abaixo, os entrevistados são quase unânimes em afirmar que nunca empreenderam como pensavam ou como gostariam. Apenas três (03) dos entrevistados afirmaram possuir experiência como empreendedor.

Quando indagados se já tentaram empreender, algumas respostas são emblemáticas e merecem destaque: “Não. Só trabalhei para os outros” (Entrevistado 5). “Nunca tentei, mas pode ser que futuramente venha a empreender” (Entrevistado 4). “Não. Nunca tive muito essa veia de empreendedorismo não. Sempre gostei mais de escritório e de trabalhar em empresas...” (Entrevistado 6).

Dentre os (três) formandos com experiência empreendedora, nos quais foram aplicadas entrevistas em profundidade, vale destacar as seguintes respostas:

Sim. Houve uma época que eu estava precisando muito de dinheiro e eu comecei um curso de costura no Senac, então eu resolvi abrir uma lojinha no Instagram e vender algumas peças de roupa que eu costurava (Entrevistado 2).

Já tentei empreender. Na escola eu vendia alguns produtos como por exemplo: paçoquita, trufa, jujuba porque a cantina não vendia e as pessoas compravam de mim. E considero isso empreendedorismo, pois como eu disse anteriormente, empreendedorismo é qualquer coisa que você faz que dê dinheiro e resolva o problema de algo ou alguém. (Entrevistado 3).

Várias vezes. Tantas vezes, que eu até me pergunto como não desisti. Pouco antes da administração eu sempre trabalhei na área de eventos, com moda/ produção de forma “extra”. Eu já tentei empreender com roupa, comecei uma loja com duas amigas antes da administração. Quando eu entrei na faculdade eu tive uma loja de acessórios, que tinha tanto acessórios como artesanato e que não foi muito pra frente. Eu já empreendi junto, na verdade eu fui sócia na área de fotografia e produção de vídeo. Já empreendi com muita coisa, mas basicamente nessa área de produção e moda. Estou com um projeto encabeçado agora e quando terminar o TCC... (trecho inaudível). É acessórios”. (Entrevistado 7).

Segue abaixo, o levantamento de todas as respostas dos entrevistados.

Quadro 6 – Levantamento de todas as respostas dos entrevistados

4. Durante sua trajetória acadêmica e profissional, você já tentou ou decidiu empreender? Se sim. Descreva a área ou negócio desenvolvido. Se não. Explique por quê?
Entrevistado 1. “Não. Até teve uma época que eu tinha uma loja de Bijuteria on-line, mas nunca foi com o intuito de manter um negócio. Porque eu acho que você quer criar um negócio pra manter, que não seja uma coisa sazonal. No meu caso, meu negócio era sazonal que eu fiz com o intuito de juntar dinheiro pra poder viajar”.
Entrevistado 2. “Sim. Houve uma época que eu estava precisando muito de dinheiro e eu comecei um curso de costura no Senac, então eu resolvi abrir uma lojinha no Instagram e vender algumas peças de roupa que eu costurava”.
Entrevistado 3. “Já tentei empreender. Na escola eu vendia alguns produtos como por exemplo: paçoquita,

Quadro 6 – Levantamento de todas as respostas dos entrevistados

4. Durante sua trajetória acadêmica e profissional, você já tentou ou decidiu empreender? Se sim. Descreva a área ou negócio desenvolvido. Se não. Explique por quê?
trufa, jujuba porque a cantina não vendia e as pessoas compravam de mim. E considero isso empreendedorismo, pois como eu disse anteriormente, empreendedorismo é qualquer coisa que você faz que dê dinheiro e resolva o problema de algo ou alguém”. “Quando eu entrei na faculdade eu levei as trufas pra vender e até meu primeiro semestre em administração eu vendia (antes eu era da engenharia, aí eu vendia lá também). Eu vendia trufa na FEAAC, na faculdade de direito, no centro de tecnologia. Então foi o mais próximo que eu cheguei a empreender e eu ganhava um dinheiro bom”.
Entrevistado 4. “Nunca tentei, mas pode ser que futuramente venha a empreender”.
Entrevistado 5. “Não. Só trabalhei pros outros”.
Entrevistado 6. “Não. Nunca tive muito essa veia de empreendedorismo não. Sempre gostei mais de escritório e de trabalhar em empresas, sempre me vi mais nesse meio”.
Entrevistado 7. “Várias vezes. Tantas vezes, que eu até me pergunto como não desisti. Pouco antes da administração eu sempre trabalhei na área de eventos, com moda/ produção de forma “extra”. Eu já tentei empreender com roupa, comecei uma loja com duas amigas antes da administração. Quando eu entrei na faculdade eu tive uma loja de acessórios, que tinha tanto acessórios como artesanato e que não foi muito pra frente. Eu já empreendi junto, na verdade eu fui sócia na área de fotografia e produção de vídeo. Já empreendi com muita coisa, mas basicamente nessa área de produção e moda. Estou com um projeto encabeçado agora e quando terminar o TCC... (trecho inaudível). É acessórios”.
Entrevistado 8. “Não tentei. Tenho planos de um dia empreender, mas é um plano ainda distante. Ainda não tentei porque, na minha concepção hoje, empreender requer um capital que eu ainda não tenho e eu não consegui selecionar bem as ideias que eu tenho pra empreender no dia a dia. Ainda preciso de muito planejamento pra isso”.
Entrevistado 9. “Não. Nunca tive nenhum projeto relacionado a empreendedorismo não”.
Entrevistado 10. “Não. Porque eu acho que muita coisa já tá saturada no mercado, e aí eu não tenho ideias inovadoras. E quando eu penso em empreender eu não queria empreender com roupa, porque já é o básico de todo mundo, não queria empreender com comida, porque já tem demais. Ai, eu fico muito travada por não ter uma ideia inovadora no quesito de: 'meu Deus vai revolucionar, ninguém tem, mas inovadora no sentido de algo já existente que eu posso mudar algumas coisas e fazer sucesso”.

Fonte: Elaborado pela autora.

Dentre os entrevistados com experiência em empreendedorismo, duas perguntas guiaram o curso das entrevistas, a saber:

- 1) partindo de sua experiência, descreva as aprendizagens, desafios e dificuldades encontradas;
- 2) com base em sua experiência com empreendedorismo, responda: você recebeu incentivos, formação ou capacitação, fomento ou financiamento por parte da gestão pública em Fortaleza? Descreva.

Apesar das teorias existentes indicarem que o empreendedor é alguém dedicado e otimista, que busca novos negócios e boas oportunidades, além da melhoria do seu produto e/ou serviço, mesmo tendo algumas dificuldades pelo caminho, as respostas dos entrevistados evidencia que a experiência empreendedora foi “árdua” e, muitas vezes, “frustrante”. Porém, trouxe diversas aprendizagens. A descrição dos (três) entrevistados com experiência empreendedora, as aprendizagens foram significativas e passíveis de reflexão. Vejamos:

Acho que os principais aprendizados foram em relação ao senso de responsabilidade. Saber que você tem custos e precisa arcar com esses custos. Porque se você tá investindo tempo e dinheiro naquilo, você, com certeza, deseja ter algum retorno. Então, eu me senti muito responsável a cuidar muito do meu negócio, acho que esse foi um breve aprendizado. O segundo aprendizado que eu tive foi: que só esforço e dedicação, infelizmente, não são suficientes. E eu acho que se você deseja empreender mesmo, você precisa usufruir de alguns privilégios. (Entrevistado 2).

Eu sempre escuto muito esse discurso de pessoas que começaram do zero e que tiveram uma vida muito difícil, mas que conseguiram empreender, que no final negócio deu certo e que estão hoje muito bem de vida. Que bom que deu certo! Mas eu acho que é necessário entender qual o contexto que essas pessoas estavam inseridas. Entender até mesmo de política, porque a gente sabe que de uma gestão presidencial pra outra muita coisa muda, e no governo Lula houve sim algumas práticas públicas de isenções fiscais para empreendedores que fomentavam mesmo o empreendedorismo. Então, existe essa questão também de contexto, e indo de encontro a isso, é muito importante para a sociedade a utilização de alguns privilégios, no meu caso eu não tive esses privilégios. Por exemplo, se você vai empreender, você precisa de um capital de giro, e é muito complicado você começar do zero ou pedir um empréstimo, principalmente quando se é jovem e está no período de faculdade, se você não tem nenhuma renda fixa nem nada no seu nome. Isso tudo dificulta muito o processo de empreendedorismo na juventude. (Entrevistado 3).

Nas respostas do entrevistado N° 3, percebe-se os desafios enfrentados na busca de empreender. Dentre esses desafios, aprendizagens e soluções apresentadas colocam o empreendedor como “sujeito político”, que deve estar atento e participante das lutas sociais: “entender até mesmo de política, porquê a gente sabe que de uma gestão presidencial pra outra muita coisa muda, e no governo Lula houve sim, algumas práticas públicas de isenções fiscais para empreendedores que fomentavam mesmo o empreendedorismo”.

E, diante das dificuldades para empreender, o entrevistado prossegue em sua descrição, de forma analítica e precisa:

Então, essa pra mim, foi uma das maiores dificuldades. Porque eu não tive quem me ajudasse, nem parentes próximos, nem amigos. O dinheiro que eu comecei a minha loja, eu lembro exatamente quanto foi, eram oitenta reais que eu tinha guardado de experiências de estágio passadas, que eu usei pra comprar tecido pra costurar e vender as peças. Como era muito pouco, com o tempo acabou não se sustentando porque eu realmente precisava trabalhar com uma renda mais certa e maior, além de que eu não tinha tanto tempo pra investir somente naquilo. (Entrevistado 3).

Dentre as características do empreendedor, partindo das formulações do SEBRAE (2017), como: 1. Busca de oportunidades e iniciativas; 2. Persistência, 3. Correr riscos calculados. 4. Comprometimento. 5. Exigência de qualidade e eficiência. 6. Busca de informações. 7. Estabelecimento de Metas. 8. Planejamento e monitoramento constantes. 9. Persuasão e rede de contatos. 10. Independência e autoconfiança. Cabe questionar: Como

empreender sem possuir as características citadas pelo SEBRAE? E, Seguindo a fala do entrevistado nº3, vale ainda indagar: Como “empreender do zero”? Como empreender quando se tem apenas uma ideia na cabeça e muita vontade de criar, de fazer acontecer? É assim, que a maioria dos entrevistados descreveram sua experiência empreendedora. Seria possível a implementação de fundos de financiamento para o segmento jovem e universitário? Ou o ato de empreender para esse público constitui apenas um sonho distante?

Sobre as questões acima, a autora Lúcia Rabelo de Castro (2011), assinala o lugar social da juventude brasileira, ou seja, um lugar que diz respeito a um sujeito social que deve ser silenciado ou passar por um processo doutrinador/inculcador e cujas ações devem ser desautorizadas, impedidas de ter impacto público/coletivo. Nas palavras da autora: “a contribuição juvenil ficou guardada para o momento oficial da maioridade, quando se legitimará, então, a assunção do cidadão portador de direitos políticos plenos” (CASTRO, 2011, p. 306).

Apesar das dificuldades descritas, o aprendizado com a experiência do empreendedorismo também foi constante nas respostas dos entrevistados. Segue abaixo, a descrição do participante Nº 3:

Já tentei empreender. Na escola eu vendia alguns produtos, como por exemplo: paçoquita, trufa, jujuba..., porque a cantina não vendia e as pessoas compravam de mim... Quando eu entrei na faculdade eu levei as trufas pra vender e, até meu primeiro semestre em administração, eu vendia. Antes eu era da engenharia, aí eu vendia lá também. Eu vendia trufa na FEAAC, na faculdade de direito, no centro de tecnologia. Então, foi o mais próximo que eu cheguei de empreender e eu ganhava um dinheiro bom.

No decorrer do meu momento empreendedor, o principal aprendizado que eu tive, primeiramente foi perder a vergonha de falar com as pessoas porque eu chegava mesmo oferecendo, antes disso eu tinha muita vergonha de falar com as pessoas.

O segundo principal aprendizado foi começar a aplicar o que eu estava aprendendo no meu próprio negócio. Essa questão de produção, porque as vezes, no começo, eu perdia trufa porque fazia demais, ou acabava deixando de vender, porque fazia de menos. Então, eu consegui utilizar algumas técnicas da administração pra começar a equilibrar o meu negócio.

E, para descrever melhor sua experiência, o entrevistado Nº 3 prossegue em sua fala:

Eu não continuei ou continuo hoje com essa atividade, porque o maior desafio que eu tinha era tempo. Como eu vendia em muitos lugares, acabava que a produção que eu tinha para fazer durante a semana inteira, eu fazia só no final de semana. Eu trabalhava e estudava e por isso eu vendia só no final de semana, e meu tempo pra estudar também era só no final de semana. Chegou um determinado momento em

que a produção das trufas era toda feita por mim, o recheio, a casquinha, a embalagem, tudo era feito por mim. E aí acabava que eu levava o final de semana inteiro para fazer toda a produção, que eu precisava pra vender durante a semana, e por conta disso, eu não tinha tempo pra estudar. Então, chegou o momento que: ou eu estudava, ou vendia trufa. E aí, eu fui adiando.... Adiando... bastante, comecei a vender menos durante a semana, mas continuei, até que chegou um momento que não dava mais, que eu precisava estudar e não tinha como, o fator limitador foi esse.

O entrevistado(a) 07, também descreveu sua experiência em empreendedorismo, destacando aprendizagens, desafios e dificuldades. Em sua perspectiva, o ato de empreender significou uma sucessão de tentativas frustradas – seja por desistências, pela falta de constância ou pelo cansaço em busca de financiamento, do “mínimo capital possível” para chegar ao produto final. Vale assinalar sua descrição:

A principal dificuldade pra mim foi a grana. E eu tenho muita raiva da galera que abre a boca pra dizer que não é uma dificuldade, porquê tudo que você vai empreender, você precisa de um capital mínimo pra empreender, principalmente se você for trabalhar na área de varejo. Porque eu acho que quando você vai trabalhar na área de tecnologia, se você tem algum conhecimento naquela área – se o cara vai empreender criando um site, se ele é prestador de serviços – fica mais viável e você não precisa investir tanto, porque você é a pessoa que tá fazendo o serviço. Mas, quando aquele serviço está atrelado a algum produto físico ou o seu serviço é um produto físico, o negócio complica mais. E o que é foda, é que a maior parte das minhas ideias, elas tem, por mais que tenham uma base de serviço, elas tem também um produto físico, apesar de ser um produto padrão e que eu não tenha tanta variedade daquele produto – vários estilos de um mesmo produto, eu preciso investir capital porque eu preciso daquele produto físico, e é o que eu acho mais dificultoso. (Entrevistado 07).

Sobre suas aprendizagens, destacou a necessidade da persistência e constância:

Em relação ao aprendizado... É que é preciso ter constância, o que eu não tenho. Todas as vezes que eu tentei colocar um empreendimento pra frente, eu acabei desistindo, porque eu tive outras demandas que eram mais urgentes, principalmente financeiramente, e eu acabei fazendo as coisas que eram mais viáveis naquele momento pra eu ter um retorno, do que continuar com aquele empreendimento, que acabou ficando de lado. (Entrevistado 07).

Ao se analisar as três experiências empreendedoras dos formandos da FEAAC/UFC percebe-se, claramente, a falta de estímulo, incentivos e fomentos em relação ao “empreendedorismo universitário”. Quando interpelados sobre o conhecimento ou recebimento de algum tipo de incentivo por parte da gestão pública em Fortaleza-CE, as respostas foram as seguintes:

Não, não recebi. E acho que na realidade nem existe alguma política pública. Não que eu conheça, tanto a nível estadual quanto a nacional mesmo, que promova esse incentivo, eu não conheço. E eu acho que se existe é algum Edital, que seja nesse sentido de fomentar o empreendedorismo, eu acredito que seja bem pouco divulgado. Eu não conheço, na gestão pública, ações que incentivem o empreendedorismo, mas eu tive contato com algumas ações promovidas pelo

SEBRAE de forma gratuita. Eu até participei de um evento, o SEBRAE empreendedor/ Jovem empreendedor (se eu não me engane era esse o nome), que eu inclusive participei e ganhei primeiro lugar. Mas que no caso, não tinha nenhum incentivo financeiro, apenas uma premiação simbólica nesse sentido e ganhava uma consultoria de empreendedorismo também. O que, para mim, acabou não sendo tão útil, porque eu sou estudante de administração, e o que foi passado na consultoria, eu já tinha visto na sala de aula. (Entrevistado 02).

Percebe-se, nas falas do entrevistado, certa confusão entre ações desenvolvidas por instituições privadas, sem fins lucrativos, como o SEBRAE, com os projetos, programas e políticas de incentivo ao empreendedorismo ofertados pela gestão pública? Mais uma vez, vale assinalar: o que são políticas públicas? Por que são importantes? A quem elas beneficiam?

Os demais entrevistados também reforçam o desconhecimento sobre políticas públicas que incentivem ou fomentem o empreendedorismo para a juventude em Fortaleza-CE. Seguem as respostas dos demais entrevistados com experiência empreendedora: “Não, nesse sentido não”. (Entrevistado 03); “Não conheço, mas eu não vou dizer que procurei, porque que não procurei, nunca fui atrás. O único local que eu ainda vi, mas, que não é voltado para o jovem empreendedor, foi do microempreendedor individual, que foi no SEBRAE, que eu sei que tem”. (Entrevistado 07).

3.4 Que tipo de ações, programas ou projetos poderiam ser desenvolvidos para incentivar o empreendedorismo nesse momento de pandemia e calamidade pública?

No que diz respeito a programas, projetos e políticas que podem ser desenvolvidas em contexto de calamidade pública e pandemia, como o atual cenário vivido pelo Brasil, os entrevistados também apresentam dificuldades em sugerir ou citar iniciativas que estimulem e fomentem o empreendedorismo para o público jovem em Fortaleza-CE. Nesta discussão, destacam a necessidade das seguintes ações: capacitação/formação continuada, aumento de Editais para projetos de empreendedorismo, facilitação de crédito, fundos de financiamento específico para esse público, redução de tributos, parcerias entre instituições públicas e privadas de fomento, além da construção de redes solidárias entre jovens empreendedores.

Segue abaixo, o levantamento das respostas coletadas.

Quadro 7 – Levantamento das respostas coletadas

PERGUNTA 7. Quais ações: planos, programas ou projetos, a gestão pública municipal poderia realizar tendo em vista o fomento ao empreendedorismo nesse momento de pandemia e calamidade

Quadro 7 – Levantamento das respostas coletadas

pública?
Entrevistado 1. “Aquela ação que o Júlio Brizzi fez uma discussão/debate sobre o empreendedorismo de forma on-line voltada pra juventude. Porque eu acho massa essa ideia de promover um debate pra juventude de forma on-line, porque você pode tá dirigindo/fazendo qualquer coisa e participar. Enfim, algo mais no sentido de palestra/debates on-line e espaços que incentivem esse debate como o Coworking do José Walter, porque eu acho ter tipo um <i>brainstorm</i> com uma temática de vários outros jovens empreendedores, acho bastante legal”.
Entrevistado 2. “Primeiramente o lançamento de editais em relação a negócios na prática. E a partir daí, fazer uma avaliação do que esses negócios propõem, e realmente incentivar, com alguma remuneração, alguma disponibilização de capital de giro. Em segundo lugar, a questão de parcerias público/privadas que possibilitassem os jovens universitários ou pós universitários a inserir seus negócios no mercado, com a ajuda dessas organizações.
Entrevistado 3. “Eu acho que é possível. Porque tem vários programas da prefeitura que eu acho incríveis e que eu, inclusive, participei no ensino médio, como o Academia ENEM, e que é um projeto muito incrível, que tem todo um auxílio. Então, na minha cabeça, o que vem agora, é algum tipo de capacitação on-line referente a empreendedorismo, talvez, com o apoio da rede cuca, que é um equipamento incrível e que consegue chegar em várias partes da cidade, não em todas, mas em bastantes. Uma capacitação on-line referente a empreendedorismo com o apoio de um consultor, para que as pessoas inscritas nesse determinado programa de empreendedorismo terem um auxílio ou uma consultoria pra desenvolver essa ideia dela e aplicar no meio em que ela tá inserida. Então, eu acho que esse apoio mais próximo de um consultor ou uma capacitação seria muito legal, porque eu acredito que tem muito talento por aí escondido, muita gente com ideias muito boas, mas com pouco material de conhecimento pra poder aplicar e fazer algo realmente dá retorno e lucro”.
Entrevistado 4. “Eu acho que com um material teórico e cursos. Acho que mais cursos mesmo, de qualificação e, principalmente de educação financeira, acho que é o principal foco. antes de começar a empreender”.
Entrevistado 5. “Acho que principalmente a isenção de alguns impostos pra iniciar a caminhada no primeiro negócio. Já seria um grande avanço pra quem deseja empreender”.
Entrevistado 6. “Eu imagino que acesso a linha de crédito no momento é muito importante para os empreendedores, principalmente os menores, que, por sua vez, não estão conseguindo ter a mesma receita e que possuem uma cartela de funcionários (que acaba afetando toda uma cadeia no momento) e eles precisam demitir o pessoal, muitas vezes, ou reduzir bastante a produção. Acho que é um dever basicamente da prefeitura/do município disponibilizar isso, acompanhado dos bancos, fazendo aí uma parceria, talvez, a fim de disponibilizar uma linha de crédito pra essa galera se manter”. E, talvez, também algum tipo de incentivo fiscal e de redução de impostos, nesse momento de pandemia. Não tenho conhecimento se já existe, mas, a meu ver deveria ser aplicado.
Entrevistado 7. “Se for no sentido de ações e não financeiramente, acho que cursos e oficinas nas escolas. Não sei se você tá falando no âmbito universitário, mas na universidade, a gente tem em algum momento, por mais precário que seja, contato com isso, principalmente na administração. Mas por exemplo, nas escolas técnicas eu ainda vejo falhas, poderia ter mais esse fomento”.
Entrevistado 8. “A gente sabe, que nesse período atual de pandemia, existem muitas pessoas que estão tendo que sobreviver com o trabalho informal, como: cozinhando ou fazendo algum tipo de artesanato. Então, eu acho que seria interessante a prefeitura catalogar quais as formas de renda que mais cresceram nesse período e fazer pequenos cursos on-line, pra que as pessoas possam se profissionalizar e, consequentemente, alavancar suas vendas na área do seu negócio. Ofertar algumas pequenas aulas de especialização, além de também ajudar no marketing digital e ensinar a utilizar as redes sociais como ferramenta de venda.
Entrevistado 9. “Eu acho que tem uma ação que eu me lembro, mas que não é da prefeitura. É de uma organização separada. Esse tipo de ação, que eles fazem, acho que seria legal ter isso junto a prefeitura também. É justamente ter aulas ensinando o processo de ser um empreendedor, no caso é bem específico as ideias relacionadas a produtos, que você vai criar e colocar no mercado, e eles ensinam esse processo. Mas, eu acho que é algo bem legal, você ensinar um processo todo desde o começo, o tipo de coisa que você precisa saber pra conseguir empreender. Eu usei esse exemplo mais ligado ao mercado, mas os conceitos mesmo de empreendedorismo servem pra qualquer tipo de projeto. Então, algum tipo de aula ou curso nesse sentido, agora nesse período da pandemia, algo online, acho que seria bem legal”.
Entrevistado 10. “Eu sei que a gestão pública tem alguns projetos de empreendedorismo. Tem até aquele que passa muito na propaganda, que eu não sei o nome, mas que incentiva a galera a empreender. Mas, acho apesar de ser divulgado na televisão, os jovens mesmo, não assistem televisão, e eu acho que a gente precisaria de algumas aulas. “Porque a maioria desses projetos de empreendedorismo eles são tipo assim: “venham com a sua ideia que a

Quadro 7 – Levantamento das respostas coletadas

gente ajuda a montar”. Mas, tem gente que quer empreender e não tem ideia. Então, eu acho que alguma coisa que faça com que jovens tenha aquele “clique” durante aulas, ou projetos do tipo: “ah isso aqui eu poderia fazer”. Porque, muitas vezes, o pessoal quer empreender... empreender..., mas não sabe com o quê, sendo que é possível empreender com algo que já existe, mas tem que ser colocado de uma forma diferente, para ser inovador”.

Fonte: Elaborado pela autora.

Ao se observar o levantamento das respostas, percebe-se também uma tentativa de compreender a face contemporânea da sociedade brasileira, em busca do reavivamento da economia – diante do desemprego e da luta pela sobrevivência. O foco, diante de tantos desafios, traz à tona o empreendedorismo e as atividades autônomas de pequeno porte como uma “possível solução”, mesmo que temporária, para o atual cenário de crise. Parece que retrocedemos a década de 1990, com a diminuição de postos de trabalho, a precarização das condições e relações de trabalho. Agora, a alternativa é tentar gerar ocupação e renda e, assim, a grande estratégia é fortalecer as políticas de fomento ao trabalho por conta própria, ao autônomo, aos coletivos de trabalhadores e artesãos organizados em cooperativas, ou ainda às micro, pequenas e médias empresas, Startups e ao setor informal, de um modo geral.

3.5 Políticas públicas de estímulo ao empreendedorismo são necessárias?

O que se objetivou ao elaborar essa questão, foi, não só analisar a compreensão dos concludentes em administração sobre a importância do incentivo ao empreendedorismo como atividade relevante, mas, como uma tentativa de institucionalizar essa atividade por meio de um Programa voltado a educação empreendedora, a exemplo do Programa de Oportunidades e Direitos (POD), realizado pelo estado do Rio Grande do Sul, por meio da Secretaria de Justiça, Cidadania e Direitos Humanos (SJCDH) e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), atendendo jovens e adolescentes entre de 15 a 24 anos, com o objetivo de gerar novas oportunidades e conhecimento para a juventude nos territórios onde residem. Com investimentos também na área de educação empreendedora, o Programa atua como uma política pública pioneira, em busca de criar oportunidades aos jovens para empreender em suas comunidades.

Em Fortaleza, a Rede Cuca constitui um complexo em prol da proteção social para a juventude, tendo em vista a criação de oportunidades de inclusão social para o segmento jovem. É formada por três Centros Urbanos de Cultura, Arte, Ciência e Esporte (CUCAS), mantidos pela Prefeitura de Fortaleza, por meio da CEPPJ e são geridos pelo

Instituto Cuca. São eles: o CUCAS Barra do Ceará, Cuca Mondubim e Jangurussu. Atendem, prioritariamente, jovens de 15 a 29 anos, oferecendo cursos profissionalizantes, práticas esportivas, difusão cultural, formações e produções na área de comunicação e atividades que fortalecem o protagonismo juvenil, além de realizar a promoção e garantia de direitos humanos. A Rede Cuca também leva até a periferia de Fortaleza possibilidades e alternativas de atividades culturais, por meio da realização de eventos estratégicos, festivais, mostras, exposições e programação permanente de shows, espetáculos e cinema etc.

O esforço de implantação da Rede Cuca demonstra preocupação com a juventude em Fortaleza, no entanto, alguns passos ainda são necessários em direção a uma educação empreendedora em Fortaleza. Tais como: capacitações continuadas, estudos e pesquisas sobre o tema apoio à produção de produtos, incentivo à comercialização nas comunidades, melhor divulgação das ações e promoção de eventos na área de empreendedorismo.

Segue abaixo, o levantamento dos dados acerca da visão dos formandos em administração da FEAAC/UFC sobre a implantação de políticas de fomento e incentivo ao empreendedorismo em Fortaleza-CE:

Quadro 8 – Levantamento dos dados acerca da visão dos formandos

PERGUNTA 8. Em sua visão, uma política pública de fomento ao empreendedorismo é necessária em Fortaleza? Por quê?
Entrevistado 1. Claro. Eu acho que a juventude tem que ser melhor aproveitada. Tem que ter espaço pro jovem que quer empreender ter oportunidades. Por exemplo, eu tenho uma amiga chamada Natália, que teve um bebê na faculdade, e a gente tava conversando sobre o que fazer depois que se formar e ela falou: “amiga eu não tenho a oportunidade de perder dinheiro, de tentar um negócio e falhar, não tenho como”. Então, não tem nenhuma política pública que contemple uma Jovem mãe, como a Natália que a ajude criar o que ela quer. O que é que eu posso fazer pra que meu empreendimento não falhe? Então eu acho que poderia ter essa questão de consultoria mesmo, preparo, ter uma galera preparada que pode ajudar os jovens com a Natália a empreender.
Entrevistado 2. Primeiramente, o lançamento de Editais em relação a negócios na prática. E a partir daí fazer uma avaliação do que esses negócios propõem e realmente incentivar com alguma remuneração, alguma disponibilização de capital de giro.
Entrevistado 3. “Com toda certeza. Acho que é necessário pra todo e qualquer ambiente, onde as pessoas têm capacidade de produzir alguma coisa. Então, fortaleza, como uma cidade muito grande e que tem uma economia que tem bastante relevância no Nordeste, e no Brasil como um todo, eu acho que é mais que necessário”.
Entrevistado 4. “Acho que é necessário em todo lugar na realidade. Quanto mais incentivo se tiver, seja da gestão pública, municipal, estadual, da união. E de fomento também dos órgãos do terceiro setor, como: o SESI, SENAI, SENAC. Acho que, de onde vier, é interessante. Porque o que sustenta a roda da economia são os negócios, e no contexto brasileiro, principalmente o pequeno negócio, que é a grande maioria do que roda no país”.
Entrevistado 5. “Com certeza. Eu acho que tem muita gente com interesse de empreender, tem interesse de começar seu próprio negócio e ser seu próprio patrão, mas não tem as condições necessárias para isso, seja financeira, ou seja de saber como funciona o caminho. Seria uma iniciativa legal explicar para as essas pessoas qual o caminho pra isso, porque muita gente quer empreender, mas não sabe como”.
Entrevistado 6. “Acho totalmente necessário, principalmente nesse período de pandemia. Eu tenho visto

Quadro 8 – Levantamento dos dados acerca da visão dos formandos

muitas publicações nas redes sociais e também vi muitos amigos que trabalham com consultoria comentando que está muito difícil pra empreendedores se manter. Tem muita gente que sempre teve o sonho de manter sua empresa fechando o negócio de anos, que apesar de ser pequeno em escala, mas, que eram muito importantes, tanto pro empreendedor, quanto pra família e pros funcionários. Então, eu vejo de extrema importância o empreendedorismo na nossa cidade, muito também por ser uma cidade muito turística, então, tem muita oportunidade pra você conseguir acessar diversos tipos de consumidores e nichos, então, dava pra ser melhor gerido isso”
Entrevistado 7. “É necessário em qualquer canto. Porque eu acho que o empreendedorismo, ele te dar aquela ideia, não necessariamente aquela ideia a curto prazo, mas ele te dar a ideia de independência, autonomia. O empreendedorismo dar liberdade para muitas pessoas, jovens e, principalmente mulheres, a se tornarem independentes financeiramente. Não necessariamente ricos, como a galera pensa ou prega – de um empreendedorismo romantizado. Eu não vejo assim, acho que o empreendedorismo em qualquer área te dar liberdade. Então, em qualquer local que você incentiva isso, de dar liberdade as pessoas, principalmente aos mais vulneráveis”.
Entrevistado 8. “Sim. Porque o empreendedorismo é uma forma de melhorar a vida de muitas pessoas, e se a gente tem ainda uma desigualdade social muito alta é por conta de que existem pessoas que já nascem com muito acesso à educação para poder empreender, enquanto o restante das outras pessoas previa correr muito mais atrás pra um dia poderem empreender. Então eu acho que políticas públicas podem ajudar a diminuir um pouco essa disparidade”.
Entrevistado 9. “Sim. Com certeza. A gente sabe que tem muita gente que empreende aqui em fortaleza. Mas, a grande parte dessas pessoas vem das regiões mais ricas, porque eles têm condições de colocar a ideia pra frente, no quesito financeiro, que querendo ou não é muito necessário. Então, políticas públicas, seja de apoio financeiro/investimento. Ou seja, com a ajuda dessas aulas on-line, que vão atingir mais jovens, não só os das regiões mais ricas, mas nos próprios CUCAS mesmo, se tivesse algum tipo de ação voltada para isso, seria muito importante pra atingir os mais jovens. Porque tem muita gente com ideias muito boas, mas que não sabem como, ou não tem os meios de colocar isso para a frente”.
Entrevistado 10. Acho que sim. Porque os casos de empreendedorismo, que a gente mais conhece, por estar na UFC é a San Paolo, a cookie mania, porque são cases da UFC. Aí, eu fico imaginando se esses casos são os de sucesso porque estudaram na UFC, ou são de sucesso porque tiveram a ideia? Porque tem muitas pessoas que não tiveram acesso a faculdade que tem ideia, mas não tem incentivo, não tem renda, pra poder fazer o próprio negócio. Mas, é necessário né? Mas, acho que até agora, só vi duas cadeiras que são voltadas ao empreendedorismo. Além da gente entrar no curso de administração, ele é muito escasso de matéria de empreendedorismo. Se a universidade tivesse mais incentivo seria ótimo também.

Fonte: Elaborado pela autora.

A visão dos entrevistados levanta vários pontos na discussão, sendo um deles a necessidade de criar ações diferenciadas dentro do segmento jovem, tendo em vista incluir a todos: desde jovens em situação de pobreza, mães universitárias com bebês ou com crianças ainda na primeira infância, desenvolvedores de produtos, softwares etc. Segue o exemplo citado pelo primeiro entrevistado (a):

Eu acho que a juventude tem que ser melhor aproveitada. Tem que ter espaço pro jovem que quer empreender ter oportunidades. Por exemplo, eu tenho uma amiga chamada Natália, que teve um bebê na faculdade, e a gente estava conversando sobre o que fazer depois que se formar e ela falou: “amiga eu não tenho a oportunidade de perder dinheiro, de tentar um negócio e falhar, não tenho como”. Então, não tem nenhuma política pública que contemple uma Jovem mãe, como a Natália que a ajude criar o que ela quer. (Entrevistado 01).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de pesquisa nasceu de uma observação sobre as experiências empreendedoras dos estudantes de administração de Empresas – da FEAAC/UFC. Vale destacar a participação da acadêmica – pesquisadora nesse processo, ao compreender também seu lugar de sujeito da investigação, ao mesmo tempo em que construía o tema como objeto da análise. O desafio proposto foi interpretar o sentido atribuído ao ato de empreender pelos graduandos – como conceituam e analisam esse conceito.

Noutro ponto da discussão, a ênfase dada aos diversos tipos de empreendedorismo – social, economia criativa, *Start Ups* etc., se constituiu uma escolha metodológica, assinalando também as diferentes visões acerca do papel do Estado: algoz? Ou benfeitor social? Daí a importância social, econômica e pessoal do presente objeto de estudo – levando em consideração a trajetória da acadêmica – tendo em vista investigar as perspectivas dos alunos de Administração sobre o incentivo ao empreendedorismo no município de Fortaleza-CE.

Diante disso, o objetivo geral da pesquisa: investigar o incentivo ao empreendedorismo na gestão pública do município de Fortaleza-CE, tendo como informantes os graduandos do curso de Administração de Empresas da UFC, foi desenvolvido por meio de três principais questionamentos, tendo uma amostra específica de entrevistados, ou seja: 1. Já teve alguma experiência com empreendedorismo? 2. Durante sua experiência empreendedora teve conhecimento ou entrou em contato com alguma política pública ou ação realizada pela gestão pública de fomento ao empreendedorismo para o segmento jovem? 3. E, por fim, se as ações de fomento e incentivo ao empreendedorismo fariam diferença para a juventude de Fortaleza.

Dentre as análises feitas a partir da pesquisa podemos destacar que, de fato, existe um grande desconhecimento sobre as ações da gestão pública de fomento ao empreendedor, que pode nos levar a algumas interrogações: Elas são inexistentes? Existe uma lacuna de comunicação entre o setor público e os universitários? Haveria, nesse desconhecimento, uma falta de interesse por parte desses jovens em conhecer tais ações? Também foi notório a falta de profundidade sobre o tema “empreendedorismo”, principalmente no que concerne ao “saber acumulado” dos concludentes do curso de Administração da FEAAC/UFC. E por fim, a unanimidade sobre a necessidade e a relevância de se ter políticas públicas de

empreendedorismo para implementação e aceleração de novos negócios, seja com incentivo financeiro ou concessão de crédito, ou até mesmo por meio de uma educação e disseminação do tema. Este último, pode ser entendido como uma possibilidade de parceria com a universidade.

Para a construção da trajetória metodológica do estudo, foi utilizado a Pesquisa Bibliográfica a respeito do empreendedorismo e outros aspectos dele: como economia criativa e empreendedorismo social, que formou a base teórica e conceitual para subsidiar a análise. Além disso, utilizamos a Pesquisa Exploratória por meio da aplicação de entrevistas semiestruturadas como coleta de dados, com a utilização da análise de conteúdo para organização e tratamento dos dados.

Logo no início da pesquisa, ficou claro que a amostra dos informantes seria pequena, tendo em vista o contexto de Pandemia – COVID 19 e isolamento social. Vale ressaltar que, todas as entrevistas realizadas, aconteceram via Google Meet e sofreram algumas interferências, tais como: má conexão e barulho durante a chamada; dificuldade de encontrar concludentes dispostos a participar da pesquisa – a maioria estava focado em suas próprias ocupações e trabalhos de conclusão de curso; tamanho e diversidade da amostra. Com isso, ficam aqui as limitações encontradas e enfrentadas durante esta monografia, para aqueles que decidirem tomá-la como referência de seus estudos.

Por fim, a pandemia trouxe vários ensinamentos, muitos deles dolorosos. Um entendimento é emblemático nessa investigação: de que a luta pela sobrevivência é árdua e desigual, sendo portanto, necessário achar um caminho de parcerias e consensos entre sociedade civil, governo e empresariado, rumo a implantação de ações e políticas públicas eficazes. Desse modo, o presente trabalho despertou várias possibilidades de pesquisa acerca do tema, perguntas que ainda permanecem sem a devida resposta – possibilidades de novas análises sobre os problemas inerentes a gestão pública, com foco no incentivo ao empreendedorismo. O desafio proposto é analítico e interpretativo, no sentido de descobrir como os graduandos da área de Administração podem protagonizar esse contexto, seja por meio da Universidade em diálogo com o setor público, ou mesmo na participação e criação de novas ações e políticas sociais.

REFERÊNCIAS

- A PARTICIPAÇÃO de jovens em partidos é a menor desde 2008. O Globo, 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/participacao-de-jovens-em-partidos-a-menor-desde-2008-expoe-dificuldade-de-renovacao-24014954>. Acesso em: 9 mar. 2021.
- ABAD, M. Crítica política das políticas de juventude. In: FREITAS, M. V.; PAPA, F. (org.). **Políticas públicas: juventude em pauta**. São Paulo: Cortez, 2003.
- ABDALA, V. **IBGE: taxa de desemprego entre jovens atinge 27,1% no primeiro trimestre**. Agência Brasil, 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-05/ibge-taxa-de-desemprego-de-jovens-atinge-271-no-primeiro-trimestre#:~:text=A%20taxa%20de%20desemprego%20entre,2%25%20do%20pa%C3%ADs%20no%20per%C3%ADodo>. Acesso em: 23 fev. 2021.
- ABRAMO, H. **Estação juventude: conceitos fundamentais – ponto de partida para uma reflexão sobre políticas públicas de juventude**. Brasília: SNJ, 2014.
- ABRAMO, H.; BRANCO, P. (org.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.
- ABRAMOVAY, M. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para as políticas públicas**. Brasília: UNESCO/BID, 2002.
- ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negociação do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 1999.
- ASHOKA. Empreendedores Sociais e McKinsey & Company, Inc. **Empreendimentos sociais sustentáveis: como elaborar planos de negócio para organizações sociais**. São Paulo: Petrópolis, 2001.
- AUSTIN, J.; STEVENSON, H.; WEI-SKILLERN, J. Social and Commercial Entrepreneurship: Same, Different, or Both? **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 30, n. 1, p. 1-22, 2006.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BEDÊ, M. A. (org.). **Sobrevivência das Empresas no Brasil**. Brasília: SEBRAE, 2016.
- BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil. **Modelo de Excelência em Gestão Pública**. Brasília, DF, 2014.
- BRASIL. **Lei nº 8.069**. Estatuto da Criança e do Adolescente, de 13 de julho de 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 9/3/2021.

CASTRO, L. R. Participação política e juventude: do mal-estar à responsabilização frente ao destino comum. **Rev. Sociol. Polit.** [online], v. 16, n. 30, p. 253-268, 2008.

CHIAVENATO, I. **Administração, teoria, processo e prática**. São Paulo: Makron Books, 1994.

CRIATIVIDADE e empreendedorismo na Rede Cuca. REC Brasil, 2015. Disponível em: <http://recbrasil.com.br/2015/01/criatividade-e-empreendedorismo-na-rede-cuca/>. Acesso em: 9 mar. 2021.

CRUCES, G.; HAM, A.; VIOLLAZ, M. **Scarring effects of youth unemployment and informality**: evidence from Argentina and Brazil. 2012. Mimeografado.

DECRETOS do Governo do Estado do Ceará contra o corona vírus. Governo do Estado do Ceará, 2021. Disponível em: <https://www.ceara.gov.br/decretos-do-governo-do-ceara-com-acoes-contr-o-coronavirus/>. Acesso em: 9 mar. 2021.

DEMO, P. **Cidadania pequena**: fragilidade e desafios do associativismo no Brasil. Campinas, SP: Autores Associados, 2001. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, 80).

DESEMPREGO bate recorde no Brasil em 2020 e atinge 13,4 milhões de pessoas. Uol, 2020. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/empregos-e-carreiras/noticias/redacao/2021/02/26/desemprego---pnad-continua---dezembro-2020.htm#:~:text=A%20taxa%20de%2013%2C5,foi%20de%2011%2C9%25>. Acesso em: 23 fev. 2020.

DESENVOLVIMENTO econômico. Prefeitura de Fortaleza, 2021. Disponível em: <https://www.fortaleza.ce.gov.br/institucional/a-secretaria-3>. Acesso em: 9 mar. 2021.

ESTUDOS apresentam perfil do microempreendedor individual. Sebrae, 2010. Disponível em: individualdetalhe6,6a1713074c0a3410VgnVCM1000003b74010aRCRD#:~:text=O%20Microempreendedor%20Individual%20%C3%A9%20uma,R%24%2081%20mil%20ao%20a no. Acesso em: 23 fev. 2020.

FIGUEIREDO, L. C. O maior babado coletivo de todos. Somos Vós, 2016. Disponível em: <https://www.somosvos.com.br/o-maior-babado-coletivo-de-todos-os-tempos/>. 23 fev. 2020.

FILGUEIRAS, I. **Empreendedores de impacto social triplicam no Estado**. 2019. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/jornal/economia/2019/03/19/empreendedores-de-impacto-social-triplicam-no-estado.html>. Acesso em: 23 fev. 2020.

FORTALEZA é a 5ª cidade mais buscada para turismo em família. Prefeitura de Fortaleza, 2020. Disponível em: <https://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/fortaleza-e-a-5-cidade-mais-buscada-para-turismo-em-familia>. Acesso em: 23 fev. 2020.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

FREITAS, R. B. de. **O ato de matar em trajetórias juvenis**: identidades, imagens e retratos de meninas envolvidas na prática de homicídio. Campinas: Pontes Editores, 2015.

GIARDINO, C.; UNTERKALMSTEINER, M.; PATERNOSTER, N. What do you know about software development in Startups? **Software IEE**, v. 31, n. 5, p. 28-32, 2014.

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR. **Empreendedorismo no Brasil**. 2011. Disponível em: <http://gestaoportal.sebrae.com.br/customizado/estudos-e-pesquisas/temas>. Acesso em: 22 abr. 2020.

HOWKINS, J. **The creative economy**: how people make money from ideas. [S. l.]: Penguin, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Demografia das empresas**. 2013/2014. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98073.pdf> . Acesso em: 15 jan. 2021.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Diagnóstico da inserção dos jovens brasileiros no mercado de trabalho em um contexto de crise e maior flexibilização**. Brasília: IPEA, 2020.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

LOPES, F. C. T. Análise da Figura do Microempreendedor Individual (MEI) nas Leis Complementar Nº 123/06 e 128/08. **Revista Contábil & Jurídica**, v. 1, n. 1, 2012.

MALMESBURY, T. H. de. **Leviatã ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil**. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

MARQUES, C. **Número de novas empresas tem aumento de quase 14% no Ceará**. Governo do Estado do Ceará, 2020. Disponível em: <https://www.ceara.gov.br/2020/12/09/numero-de-novas-empresas-tem-aumento-de-quase-14/#:~:text=N%C3%BAmero%20de%20novas%20empresas%20tem%20aumento%20de%20quase%2014%25%20no%20Cear%C3%A1,-9%20de%20dezembro&text=Ao%20todo%2C%20foram%208.220%20registros,7.252%20de%20novembro%20de%202019>. Acesso em: 23 fev. 2020.

MARSHALL, T. H. Cidadania e classe social. In: CIDADANIA, classe social e status. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

MARTINS, N.; PANTUZZI, F.C.; FILHO, P.R.; JÚNIOR, R.; NASCIMENTO, T. A melhoria de vida e de sustentabilidade envolvidas pelo coco. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE EMPREENDEDORISMO SOCIAL, 4., 2019, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: ENACTUS BRASIL, 2019.

MORAES, M. D. C. de; SERAINE, A. B. M. dos S.; BARBOSA, C. Artesanato e políticas públicas no Brasil: uma trajetória entre economia e cultura. **Conhecer**: Debate Entre o Público e o Privado, v. 10, n. 25, p. 159-182, 2020.

NEGREIRO, D. Feira alternativa “La Grue” reúne mais de 30 marcas no Órbita Bar. **O Estado CE**, 2017. Disponível em: <https://www.oestadoce.com.br/artefenda/feira-alternativa-la-grue-reune-mais-de-30-marcas-no-orbita-bar/>. Acesso em: 23 fev. 2020.

NOGUEIRA, F. Negócio social do Ceará ensina jovens a colocar em prática idéias e sonhos. Porvir, 2018. Disponível em: <https://porvir.org/negocio-social-do-ceara-ensina-jovens-a-colocar-em-pratica-ideias-e-sonhos>. Acesso em: 9 mar. 2021.

O QUE são e qual a diferença entre MEI e ME? 9 comparativos. Qipu, 2019. Disponível em: <https://www.qipu.com.br/blog/diferenca-entre-mei-me/#:~:text=ME%20significa%20Microempresa,um%20contrato%20social%20em%20m%C3%A3os>. Acesso em: 23 fev. 2021.

OLIVEIRA, J. C. **Uma análise do perfil empreendedor dos alunos do curso de ciências econômicas da Universidade Federal Fluminense em Campos dos Goytacazes-RJ**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Econômicas) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2017.

PAIS, J. M. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

PARTICIPAÇÃO política. Infopédia, 2021. Disponível na Internet: [https://www.infopedia.pt/\\$participacao-politica](https://www.infopedia.pt/$participacao-politica). Acesso em: 9 mar. 2021.

PLEYERS, G. Young People and Alter-Globalisation : From Disillusionment to a New Culture of Political Participation. In: FORBRIG, J. (ed.). **Revisiting Youth Political Participation**. Strasbourg: Council of Europe, 2005.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. **Inovar para incluir**: jovens e desenvolvimento humano. Informe sobre desenvolvimento humano para o Mercosul 2009-2010. Argentina: PNUD/Nações Unidas, 2009.

PREFEITURA lança projeto de incubadoras criativas nesta quinta feira. Prefeitura de Fortaleza, 2014. Disponível em: <https://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/prefeitura-lanca-projeto-de-incubadoras-criativas-nesta-quinta-feira>. Acesso em: 23 fev. 2021.

REDE Cuca oferta mais de 900 vagas para cursos online em março. Prefeitura de Fortaleza, 2021. Disponível em: <https://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/rede-cuca-oferta-mais-de-900-vagas-para-cursos-on-line-em-marco-2>. Acesso em: 9 mar. 2021.

SCHUMPETER, J. A. **A teoria do desenvolvimento econômico**: uma investigação sobre lucro, capital, crédito, juro e o ciclo econômico. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 1982.

SECRETARIA DE CULTURA DO ESTADO DO CEARÁ. **Guia turístico e cultural do Estado Ceará**. Fortaleza: Terra da Luz, 2006.

SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO. **Prefeitura de Fortaleza**. 2020. Disponível em: <https://catalogodeservicos.fortaleza.ce.gov.br/categoria/economia>. Acesso em: 23 fev. 2021.

SERAINE, A. B. M. S. **Artesanato e empreendedorismo**: ressignificação produtiva do setor artesanal na década de 1990. Teresina: Ed. da UFPI, 2016.

SERAINE, A. B. M. S. **Ressignificação produtiva do setor artesanal na década de 1990: o encontro entre artesanato e empreendedorismo**. 2009. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2009.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. **Anuário do trabalho na micro e pequena empresa: 2010-2011**. 4. ed. Brasília, DF; DIEESE, 2011.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. **Conheça as características empreendedoras desenvolvidas no Empretec**. 2017. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/Programas/conheca-as-caracteristicas-empreendedoras-desenvolvidas-no>. Acesso em: 16 mar. 2021.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. **Pesquisa de Perfil do Empreendedor Individual 2011**. Brasília: SEBRAE, 2011a. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/sobrevivencia-das-empresas-no-brasil-102016.pdf>. Acesso em: 09/03/2021

TAVARES, M. A. Trabalho informal: os fios (in)visíveis da produção capitalista. **Revista Outubro**, São Paulo, n. 7, p. 49-60, 2002.

TRIMI, S.; BERBEGAL-MIRABENT, J. Business model innovation in entrepreneurship. **International Entrepreneurship and Management Journal**, v. 8, n. 4, p. 449- 465, 2012.

UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT. Creative economy report 2010. **Creative economy: a feasible development option**. U.N., 2010.

VASCONCELOS, H. Fortaleza está entre as dez cidades com maior número de startups. O otimista, 2020. Disponível em: <https://ootimista.com.br/economia/fortaleza-esta-entre-as-dez-cidades-com-maior-numero-de-startups/#:~:texto=Cear%C3%A1%20possui%20atualmente%20183,e%20bem%2dEstar%20e%20finan%C3%A7as>. Acesso em: 23/02/2021.

WELTI, C. Adolescents in Latin America: Facing the Future with Skepticism. In: BROWN, B. R. W. Larson (Eds.) & T. S. Saraswathi, **The world's youth: Adolescence in eight regions of the globe**, 2002.